



N. 12-59

Coordenador: Major OCTAVIO TOSTA
da Seção de Geografia e História do EME

EDITORIAL

"Primeiro Aniversário da Seção de Geopolítica" — OCTAVIO TOSTA, Maj.

I — DOCTRINA

"Aspectos Geopolíticos do Mar" (conclusão do número anterior) — 2. "Possibilidades Imediatas da Aviação" — EVERARDO BACKHEUSER, Prof.

"O Poder Nacional" — "Seus Fundamentos Geográficos" — MARIO TRAVASSOS, Mal.

"Os Fatores Políticos no Condicionamento do Conceito Estratégico Nacional" — FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARAES, Prof.

"Escolas Geopolíticas" — JOÃO MENDES DA SILVA, Brig do Ar Eng.

II — ESTUDOS E ENSAIOS

"O Problema Vital da Segurança Nacional" — GOLBERY DO COUTO E SILVA, Cel.

III — GEOPOLÍTICA DA BOLÍVIA

"Bolívia, Impressionante Expressão Geopolítica" (conclusão dos números anteriores) 3. "Problemas e Soluções" — OCTAVIO TOSTA, Maj.

IV — CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO

Academia Militar das Agulhas Negras — Programa de Geopolítica
— OCTAVIO TOSTA, Maj.

V — ARTIGO ESTRANGEIRO

"O Espírito da Geopolítica" — TOMAS GREENWOOD (Trad. p.
Heitor Ferreira, Ten).

VI — O LIVRO DO MES

"Problemas do Brasil" — Cel Adalardo Fialho (Edição da Biblioteca do Exército) — comentário por GERALDO MAGARINOS, Ten-Cel.

*
* * *

As declarações expressas nos artigos da **SEÇÃO DE GEOPOLÍTICA** são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores e não implicam no endosso oficial às opiniões ali contidas.

A matéria divulgada na **SEÇÃO** pode ser reproduzida em livros, jornais ou revistas, exceto quando sejam expressamente reservados os respectivos direitos. As transcrições deverão consignar a fonte e, no caso de artigos assinados, deve ser referido sempre o nome do autor.

Solicitamos dois exemplares da publicação que transcrever matéria da **SEÇÃO DE GEOPOLÍTICA**. A correspondência deve ser endereçada ao Major Octavio Tosta — "A Defesa Nacional" — Ministério da Guerra — Rio de Janeiro, Brasil.

EDITORIAL

PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA SEÇÃO DE GEOPOLÍTICA

No mês de abril do ano passado, imaginamos organizar esta "Seção de Geopolítica" com os seguintes objetivos:

— divulgar conhecimentos de Geopolítica e focalizar problemas geopolíticos no quadro mundial;

— mostrar o desenvolvimento da Geopolítica na América Latina e apresentar os geopolíticos latino-americanos mais destacados;

— estudar problemas geopolíticos do Brasil e da América Latina.

Para concretizar a nossa idéia, solicitamos, inicialmente, o concurso de três companheiros de grande valor: o Coronel Golbery do Couto e Silva, o então Major Geraldo Magarinos de Souza Leão (atualmente, Tenente-Coronel) e o Tenente Heitor Aquino Ferreira.

Por uma feliz coincidência, todos os três foram primeiros alunos de turma e, por ocuparem tão diferentes degraus na hierarquia militar, haverá, certamente, maior facilidade para a continuidade da "Seção".

Posteriormente, passamos a contar com outros excelentes colaboradores, como o Tenente-Coronel João Batista Pessoa (hoje, Coronel), o Coronel Omar Emir Chaves, o Tenente-Coronel Carlos de Meira Mattos, o Tenente Alvaro da Fonseca Vieira Filho e o Major Cláudio Leig.

Neste número comemorativo do primeiro aniversário, apresentamos, com intenso orgulho, trabalhos preciosos de outros eminentes estudiosos do assunto, como o Marechal Mário Travassos, o Professor Fábio de Macedo Soares Guimarães e o Brigadeiro-do-Ar Engenheiro João Mendes da Silva.

Além dos trabalhos dêsses excelentes colaboradores já citados, temos transcrito artigos das seguintes autoridades no assunto: Professor Everardo Backheuser, Marechal Ignacio José Veríssimo, Professor Pierre Monbeig, General Ramón Cañas Montalva, General Benjamin Rattenbach, Tenente-Coronel Galvarino Montaldo, Professor Angel Rubio, Tenente-Coronel John Kieffer, Dr. Alfredo A. Kolliker Frers, Tenente-Coronel Jorge E. Atencio e Tomas Greenwood.

A "Seção de Geopolítica" tem encontrado grande receptividade, não só, entre os estudiosos do país como, também, entre os intelectuais estrangeiros.

Já recebemos manifestações de apoio de geopolíticos de países amigos e, com satisfação, consignamos as seguintes:

"Permita-me felicitarlo, así como a la Dirección de la revista "A Defensa Nacional", por la hermosa presentación y contenido que tiene, y a Ud, en particular..."

Tte-Cnl ROBERTO GONZÁLES POLAR
(Do Exército Peruano)

"He tomado atenta nota de los fines que persigue la Sección de Geopolítica que usted, con verdadero acierto ha organizado en la revista "A Defensa Nacional".

Tnte-Coronel JULIO H. MUÑOZ
(Do Exército Equatoriano)

Ao encerrar este Editorial, desejamos agradecer aos companheiros que com o seu reconhecimento têm proporcionado um grande estímulo à "Seção"; à direção da "A Defesa Nacional" pelo apoio irrestrito que nos tem proporcionado e aos funcionários do Gabinete Fotocartográfico e da Imprensa do Exército pela extrema cooperação prestada.

Major Octavio Tosta
Coordenador da Seção de Geopolítica

I — DOUTRINA

ASPECTOS GEOPOLÍTICOS DO MAR

(*) EVERARDO BACKHEUSER

(Conclusão do número anterior)

2. POSSIBILIDADES IMEDIATAS DA AVIAÇÃO

A apresentação acima das características dos seis principais mares e oceanos foi feita atendendo a seu comportamento na "era da navegação", aquela em que se tem vivido, desde a antiguidade, e particularmente desde as vizinhanças do século XV até hoje. O fator novo que começa a agir — ou seja, o avião — realizou em três décadas assinaláveis avanços e lhe é lícito reclamar desde já atenção para o que possa efetivar de transformação no mundo.

Quem queira comparar um avião, mesmo dos grandes, com um navio de carga, mesmo dos pequenos, há de se impressionar pela diminutíssima capacidade de transporte do primeiro. Economicamente por ora o uso do aeroplano só convém a mercadorias preciosíssimas. As demais continuam sendo carregadas nos barcos. Sem dúvida, é assim. Mas assim foi também no início da era da grande navegação, e remontando mais ao passado, no início da própria civilização. Os carregamentos das caravelas que se arriscavam aos tormentosos mares do Índico e do Atlântico eram exclusivamente de material precioso, porque muito caro, e que a Europa fazia gosto em adquirir mesmo pelos preços fabulosos das caravanas. As madeiras de tinturaria, pau-brasil, pau-campeche, etc., constituíam também material valiosíssimo na época. Só pouco a pouco as embarcações foram aumentando de calado e de arqueação e ganharam velocidade, e transportaram tudo, progressos esses que se acentuaram com o advento da máquina a vapor, do uso do carvão e do óleo diesel. Mas tudo isso evoluiu muito lentamente. O paralelo se torna ainda mais esmagador ao se buscar confronto com os pequeninos barcos a remo. As triremes que se celebrizaram na batalha de Salamina seriam como faluas e alvarengas pouco maiores que as canoas em que índios, franceses e portugueses pelejaram nos últimos milésimos do século de mil e quinhentos na baía do Rio de Janeiro. Este exemplo é índice do vagarosíssimo evoluir dos meios de navegação. Comparai,

(*) O Professor Everardo Adolpho Backheuser faleceu em 1951, aos 72 anos de idade. Possuía os Cursos de Engenharia Geógrafo e Engenharia Civil pela antiga Escola Politécnica (atual Escola Nacional de Engenharia). Exerceu o Magistério em diversas escolas, destacando-se: Escola Politécnica, Instituto Rio Branco, Faculdade Católica de Filosofia, Faculdade de Filosofia de Santa Ursula. Após ter se destacado como engenheiro, geólogo, geógrafo, escritor, mestre emérito e educador empregou sua peregrina inteligência na difusão da Geopolítica no Brasil. Com esse objetivo escreveu numerosos trabalhos sobre o assunto. O seu primeiro livro sobre Geopolítica — "A Estrutura Política do Brasil" veio à luz em 1926. Foi membro de diversas sociedades literárias e científicas. (Referências: v. "Everardo Backheuser, Precursor da Geopolítica no Brasil" in "A Def. Nac." ns. 532-33/58, págs. 139-161).

por outro lado, a capacidade de transporte em peso, em volume e em velocidade, entre uma mala-postal e um trem elétrico, entre uma caravana e uma frota do possantes caminhões de carga, e tereis outro símile para encorajar fagueiras previsões para o avião.

Pode-se, por exemplo, imaginá-lo, sem perigo de erro, muito mais veloz do que atualmente nos fantásticos recordes já atingidos. Pode-se concebê-los cada vez maior, em volume e peso, em função apenas de capacidade propulsora, ao contrário do que se dá com os navios cuja linha de mergulho está condicionada a dispendiosas possibilidades de dragagem junto ao cais de acostamento. Pode-se figurá-lo em comboio, como um trem de ferro, dispondo de um avião motor de planadores rebocados. Pode-se, em uma palavra, idealizá-lo, para breves dias, como possuidor da mesma soma de melhoramentos técnicos já usufruídos pelos meios de transporte terrestres e marítimos, sem, como sucede ao primeiro, haver a limitação de marchar sempre por uma linha de trilhos ou pela faixa pavimentada das rodovias, sem, por outro lado, como sucede nos navios, ser forçado a se deslocar apenas sobre uma superfície, a superfície das águas. Pelo aeroplano alcança-se o deslocamento a três dimensões e ao mesmo tempo com as técnicas quintessenciadas dos outros meios de locomoção.

Aliás convém frisar que ao se falar em "era da aviação" não se está pensando na supressão ou aniquilamento do transporte terrestre e marítimo. Todos continuarão a atuar, cada qual a seu modo e visando seu fim. O trem não matou a carruagem, do mesmo modo que o advento do automóvel não significou o desaparecimento das estradas de ferro. A navegação fluvial, quando no seu clímax, sempre teve a concorrência dos outros meios de transporte terrestres. E a navegação marítima, esta, jamais poderia imaginar-se verdadeiramente eficiente sem o auxílio cotidiano das ferrovias e das rodovias, que levam para os portos ou para o interior as mercadorias e passageiros a embarcar ou desembarcar. A alusão a uma "era da aviação" traduz tão-somente uma era de muito valor intrínseco desse meio de comunicação de supremacia se se quiser, não porém de exclusividade. Considerar-se-á, pois, a era da aviação dentro dessas evidente restrições, mas, considerar-se-ão também como antecipadamente conhecidas suas vantagens totais, por não ser temeridade tê-las como de possível ou quase certa realização dentro de curto prazo.

3. CONSEQUÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Postas as premissas acima e reavivada a memória respeito ao papel geopolítico dos mares pela resenha debuxada, sejam agora encaradas as consequências que a aviação trará às leis geográficas tradicionais, em particular quanto ao caso em foco, o mar.

Fronteiras — O primeiro caso geográfico que a aviação levanta é o da fronteira. Há, ou deve haver, uma fronteira aérea? Deve a navegação aérea ser livre como a de alto mar ou cumpre opor-lhe restrições?

Antes dos geógrafos, já refletiram sobre a hipótese, e a discutiram, e de certo modo a resolveram, de um lado, teoricamente, os tratadistas de direito internacional, e, de outro, pelo lado prático, de aplicação imediata, os governos dos diversos Estados, de *per si*, ou em convenções que firmaram preceitos jurídicos. A geografia cabe, apurando as conclusões, censurar a doutrina mais razoável. E esta é:

1º) que cada Estado mantém sua soberania sobre as atividades desenvolvidas em toda a coluna de atmosfera tendo por base seus limites terrestres e os da orla das águas territoriais;

2º) que o trânsito nessa coluna de ar é, porém, livre a todas as nações com a ressalva apenas das restrições que os regulamentos locais consignem, sobre, por exemplo: pontos de aterrissagem, fiscalização de passageiros e carga, voo sobre fortificações, etc.

Houve quem pretendesse equiparar a atmosfera aos oceanos quanto ao estabelecimento, para aquela, de uma camada junto ao solo dentro da qual — e apenas dentro da qual — o Estado subjacente exercesse sua soberania. Assim como existe uma orla de “mar territorial”, existirá também uma fatia de “ar territorial”. Logo, porém, evidenciou-se a impossibilidade prática de firmar esse princípio teórico, pois mesmo viajando o avião acima de uma “camada territorial” muito espessa (por exemplo acima de 500 m) seria possível o exercício da espionagem (com aparelhos de telefotografia), o lançamento de boletins subversivos, a descida de pára-quedistas, a disseminação de germes patogênicos, etc.

A nenhum desses perigos está sujeita a soberania do Estado pelo uso livre do mar alto. O *Mare liberum* não se pode constituir local de sorteiras agressões, o que não acontecerá se ao ar, isto é, a toda a coluna de atmosfera, fossem outorgadas idênticas regalias. Ao símile a que se apegavam os teóricos opôs-se felizmente o bom senso dos governos, e não se fez vitoriosa a doutrina exageradamente internacionalista, ou melhor, tendenciosamente imperialista.

Para o uso do avião sobre o mar não há, porém, motivos para restrições. Assim como a navegação superficial é livre, de igual sorte a navegação aérea. Liberdade em todos os níveis, das profundidades submarinas às vertiginosas alturas da estratosfera e ainda acima. *Ad coelum et ad inferos...*

Valor do espaço — Com a aviação modificar-se-á a noção fundamental de espaço antropogeográfico. O espaço dessa natureza não se mede em milhas ou quilômetros, mas em tempo, em horas e minutos.

Interessante e elucidativo seria o traçado de uma carta mundial de isocrônicas, lugar geométrico dos pontos atingidos na mesma unidade de tempo. Vê-se como o mundo tem “minguado” quando se faz estudo comparativo de cartas de certas épocas críticas para a velocidade. Há vários saltos bruscos: quando se passa da marcha de pedestre para a marcha do cavalo, ou da carruagem para o trem, ou para o automóvel, e bem assim da navegação a remo para a navegação a vela, e desta para a propulsão a vapor. Há, além disso, a contar também com a alteração das isocrônicas em virtude de aperfeiçoamentos dentro de cada tipo. Dentre todas as modificações nas cartas de “curvas de igual tempo”, a que se mostra nitidamente de forte desnível é a que coincide com o aparecimento da aviação. Uma carta desse gênero fala mais alto que quantas eruditas dissertações sejam feitas sobre o momentoso assunto.

Tudo quanto os tratadistas, a começar em Ratzel, escrituravam em parcelas favoráveis ou desfavoráveis aos grandes espaços, ou seja, quanto aos predicados conferidos aos países de extensa área, terá de ser alterado, e a partir dos alicerces, devido à aviação. Por “espaços grandes” entendiam-se aqueles que exigiam dias ou mesmo semanas para ser atingidos em suas extremidades (Império Britânico, Estados Unidos, Brasil). Hoje essas distâncias são vencidas em horas. Diluíram-se, desse modo, certos elementos de centrifugismo político, uma das causas de despedaçamento do Império Romano e, mais tarde, do parcelamento do Império Colonial Hispânico-Americano em princípio do século XIX.

O que se disse para os países dir-se-ia para os mares. Com a aviação também os oceanos encurtaram. Sua característica de separador de povos é hoje muito menor que há cinquenta anos, enquanto seu poder coesivo incrementou-se, pois cargas e passageiros o transpõem com maior facilidade. Avoluma-se, em consequência, o valor geopolítico dos mares, quer na paz, quer na guerra. As facilidades, de agora por diante, serão muito apreciáveis para a deslocação de “massas” (migrações, exércitos) e para a remessa de mercadorias e armamentos. Em uma palavra, a diminuição das distâncias faz crescer o valor político das áreas ocupadas pelos oceanos, embora a importância dos mesmos à superfície, em relativa proporção, haja sofrido.

Portos e Aeroportos — Também se alterou o valor imenso das "situações" (Laje), pelo menos das "situações" junto ao mar. É sabido o imenso destaque emprestado nos livros de antropogeografia às situações marítimas. Era o mar a única maneira de um povo se pôr em contato ao mesmo tempo com todos os demais países da Terra. Daí o esforço para conquistar tais situações marítimas. Todos os povos queriam, por certo, ser possuidores de costas e nenhum que possuísse maritimidade gostaria de perdê-la. Continuará daqui por diante a ser assim? Em parte, sem dúvida, mas com muito menos calor que anteriormente. Quando se puder transportar em trens aéreos — e será breve — toneladas do nível de grandeza das atualmente conduzidas nos grandes cargueiros transatlânticos, então as "situações interiores" nada terão a temer das marítimas, pois as igualarão, ou, melhor, as sobrepujarão.

E pode-se falar em "sobrepujar", porque as cifras de construção e manutenção de um porto marítimo, a adaptação das condições topográficas e hidrográficas requeridas para sua instalação, e os serviços de dragagem são tão onerosos que não podem de modo algum entrar em confronto com o do mais complexo e vasto aeroporto.

Em uma palavra, a aviação esbateu fortemente, se não extinguiu de todo, o valor das situações marítimas em sua estruturação geopolítica.

Ilhas e Estreitos — A aviação afeta de perto, em seu surto acelerado, a valorização magnífica obtida pelas ilhas oceânicas e pelos estreitos na era da navegação. As ilhas eram largamente aproveitadas para aguada, para depósitos de carvão e óleo combustível. As potências marítimas, por isso, gulosamente delas se apropriavam ou as compravam, ou as alugavam em todo ou em parte. A aviação cada vez menos precisará dêles, pois, cada vez mais, os vãos se fazem diretos. Essa desvalorização de ilhas será também um desfalque para a potencialidade política e econômica dos mares.

Igualmente os estreitos. Formando no rendilhado das terras e mares forças caudinas para o tráfego marítimo, possui-os era segurar as chaves das portas de acesso a certos caminhos. Tomar conta dos estreitos foi diretriz governamental das potências navais, e a Inglaterra saiu-se airoso da empreitada amontoando em seu mealheiro a melhor porção. Também se abala o prestígio secular dos estreitos com o advento imponente da aviação.

Esporões Continentais — Mais do que os estreitos, valem no dia de hoje as bases aéreas. Estas é que são as procuradas pelas grandes potências. Sente-se, embora não haja sido claramente revelado ao grande público, que há, de parte dos Estados que aguçam as garras para os próximos conflitos armados, o planejamento de um reticulado cobrindo a superfície das terras e dos mares de nós de aviação. Reticulado gigantesco, mas harmônico. Os nódulos dessa rede, variáveis em grandeza e importância, serão os aeroportos, de maior ou menor vastidão e aparelhamento, conforme os objetivos que visarem, ou só de guerra, ou só de paz, ou servindo, de acordo com as oportunidades, aos dois objetivos.

Uma vez concluída a execução do planejamento, destacar-se-ão certas localizações geográficas como de importância capital. É de prever que esses postos caibam aos esporões continentais, que como pontas de lança se intrometem pelo mar adentro. Um deles, o Nordeste brasileiro. Outro, a Islândia, que, apesar de ser uma ilha, apresenta em relação à Europa o papel de esporão. Desses pontos os aviões alçam vôos diretos, e, sem perda de tempo em novas aterrissagens, entram logo a cruzar os mares.

As ilhas do Pacífico representam também outros tantos nós do reticulado aeroviário, bem como Ceilão e inúmeros pontos do Império Moscovita na Rússia européia, Sibéria e próximo dos Dardanelos.

(Transcrito da Revista "Vozes de Petrópolis", de Set/Dez 58.)

O PODER NACIONAL — SEUS FUNDAMENTOS GEOGRÁFICOS

Marechal MARIO TRAVASSOS (*)

1ª PARTE

1. A Geografia nasceu, sem dúvida, da necessidade de se estabelecerem os nexos entre os fatos naturais e os fatos humanos.

De começo, quando as ciências naturais e as ciências humanas se encontravam embrionárias, primavam as ciências naturais sobre as ciências humanas cuja evolução foi, como não podia deixar de ser, mais lenta que a das ciências naturais.

Dêsse descompasso é que se origina a tendência geodeterminista, de extensa e profunda repercussão política, conforme se pode concluir do postulado pelo qual "a política dos Estados está escrita em sua geografia".

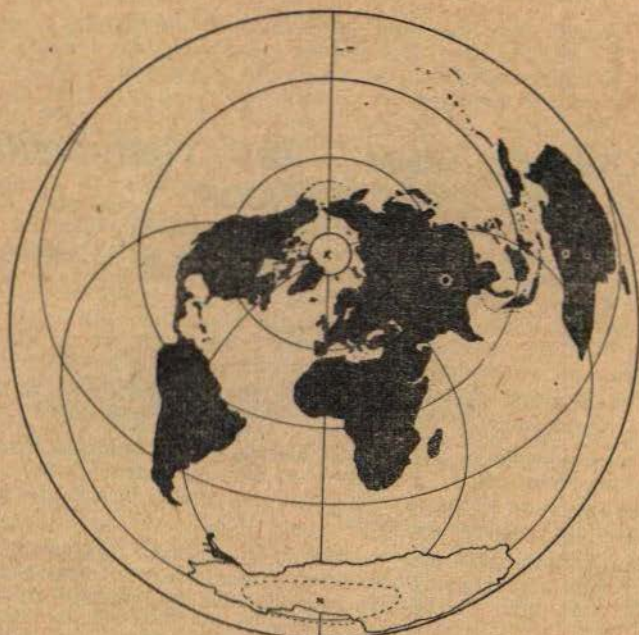
O determinismo geográfico decorreu assim do método comparativo para os estudos geográficos, do esforço para a classificação dos diversos países ou regiões do globo terrestre, de umas vezes referidas ao clima, de outras à morfologia geográfica, em busca de definição política ou econômica dos Estados ou Nações, quanto ao comportamento de suas gentes, à sua riqueza ou pobreza, em uma palavra, ao seu Poder.

Os fatos históricos muito contribuíram para o fortalecimento determinista nos domínios da Geografia, notadamente por sua aparente repetição.

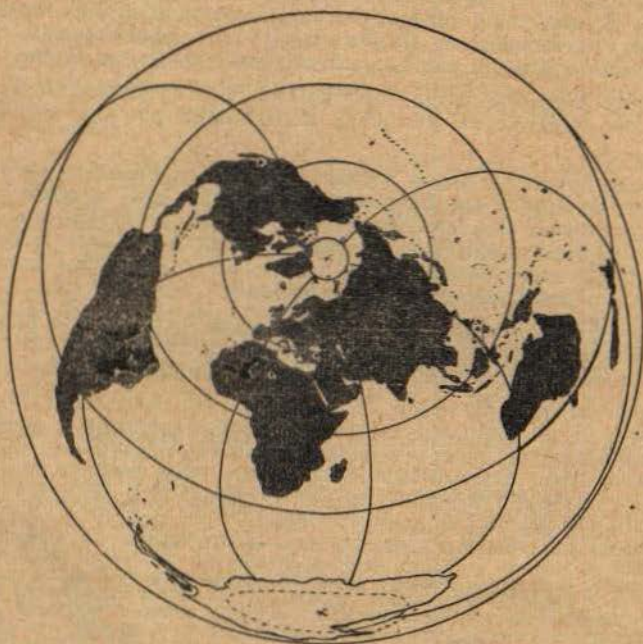
A verdade, porém é que, apesar de certa estabilidade quanto a alguns aspectos ligados aos fatores geográficos de base, a evolução científica logo aplicada ao campo industrial, cada dia liberta mais o Homem das contingências geográficas, da submissão ao meio, para torná-lo, na mais larga expressão do termo, ele próprio, fator geográfico de primeira grandeza, em particular quanto aos desígnios políticos.

O vertiginoso robustecimento das Ciências Sociais, como aglutinante das ciências naturais e humanas, representa, por sua vez, papel decisivo para a conceituação possibilista na Ciência Geográfica, à base de que

(*) O Marechal Mário Travassos possui o Curso da Escola de Estado-Maior do Exército, da Escola de Guerra Naval e da Escola Superior de Guerra. Foi integrante da Força Expedicionária Brasileira que lutou no T. O. da Itália durante a 2ª Guerra Mundial; Instrutor nas Escolas Militar, de Aperfeiçoamento de Oficiais e de Estado-Maior; organizou e comandou a Escola Preparatória de Fortaleza; comandou a Escola Militar de Resende; organizou e comandou a Academia Militar das Agulhas Negras (antiga Escola Militar de Resende). Após ter exercido com raro brilho as funções de Diretor de Ensino do Exército, na qual organizou e dirigiu o célebre "Seminário de Ensino do Exército", foi transferido para a Reserva, continuando, porém, graças à sua excepcional inteligência, a produzir excelentes estudos. Dentre os seus valiosos trabalhos destacam-se: "Projeção Continental do Brasil", "Introdução à Geografia das Comunicações Brasileiras" e "As Condições Geográficas e o Problema Militar Brasileiro".



CENTRO EM LONDRES



CENTRO EM MOSCOU

sempre se parte, evidentemente, de *características geográficas* à procura, porém, da neutralização de contingências geográficas inadequadas aos objetivos políticos a serem atingidos.

Por meio dessa elaboração é que se manifesta o *possibilismo geográfico* e é nesse quadro possibilista que o Homem encontra seu lugar como *fator geográfico* de primeira grandeza, convém insistir.

O motor de combustão interna aplicado a todos os tipos de veículos, em particular quanto ao mais pesado que o ar; a disponibilidade de múltiplos meios de comunicações radiocelétricas e as possibilidades decorrentes da energia nuclear, é certo que completam, em definitivo, a figura do Homem como fator geográfico, como elemento modificador do meio por excelência, como símbolo do *possibilismo geográfico*.

2. O Espaço e a Posição, como fatores geográficos de base, são, em última análise, os elementos que condicionam as *características geográficas* de uma região ou Estado, do mesmo passo que, por contínuas interações, configuram determinadas *contingências geográficas*.

O Espaço Geográfico contém as condições morfológicas, climáticas e botânicas que influem, em grau diverso, sobre o comportamento do homem no grupo social, ou seja, sobre os gêneros de vida. A Posição Geográfica, a seu turno, esboça o quadro das condições políticas e assim estimula a atividade política do grupo social.

Mas é preciso fique bem entendido que o Espaço, para que realize suas potencialidades, para que conte politicamente, requer seja *organizado*, tal a diferenciação dessas potencialidades. Do mesmo modo, o conceito da Posição não pode restringir-se à sua determinação astronômica, senão que deve ainda vincular-se, sob outros aspectos, ao quadro de sua relatividade.

Finalmente, as constantes ações e reações entre o Espaço e a Posição devem ser expressas, do ângulo político, em termos de *circulação*, donde a importância da *geodinâmica* quando se trate de apreciar o Poder Nacional em função de seus fundamentos geográficos.

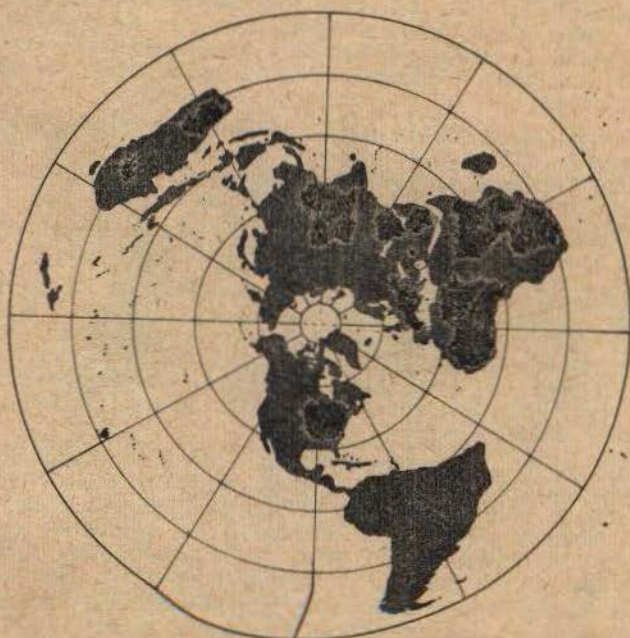
Até o século XVIII, inclusive, a consideração do Espaço resumia a ambiência, o meio ao qual fatalisticamente devia estar sujeito o homem.

De um lado, a apoucada capacidade dos meios de transporte e comunicações alimentava a tendência ecológica; de outro, a inexistência de estudos discriminadamente geográficos, reduzidos, então, aos trabalhos de observação e classificação regionais, realizados, em regra, por naturalistas, eram referidas apenas às circunstâncias topológicas e climáticas. As influências da Posição ficavam restritas ao seu papel na configuração climática.

Assim é que Montesquieu ("L'Esprit de Lois"-1748) defende a tese da superioridade do homem do clima frio sobre o dos climas quentes e tropicais, influenciado, sem dúvida, pela localização das grandes potências de então (Inglaterra, Holanda, Suécia e Prússia) e pelo regime escravagista imposto sobre povos de regiões quentes ou tropicais. Do ponto-de-vista topológico, a uniformidade do relevo sobre vastas regiões contribuiria para o advento de grandes impérios, como se verificava em presença dos infindáveis maciços asiáticos. Inversamente, a variedade topológica dava lugar a grande número de pequenas unidades políticas, como ocorria na Europa.



CENTRO EM S. LUIZ



CENTRO NO POLO NORTE

Do meado do século XVIII em diante é que começa a evoluir a conceituação geográfica, pode dizer-se que com Turgot através do seu "Discurso sobre a História Universal" (*Discours sur l'Histoire Universelle*) e seu opúsculo intitulado "A Geografia Política" (*La Geographie Politique*), autêntico escândalo para a época.

Sem embargo, conviria citar marcante episódio determinista, provocado por Buffon, a propósito da Independência dos Estados Unidos, sobre as possibilidades de povoamento do seu território. As plantas e animais que para lá se enviassem não dariam senão produtos degenerados; os próprios índios pareciam carecer de vitalidade; o clima e o solo eram inadequados como base para uma riqueza suficiente a um grande povo e os homens livres que lá se estabelecessem logo degenerariam sob a influência do meio físico.

Contra tais assertivas reagiu a Sociedade Americana de Filadélfia, afirmando, após acaloradas discussões, que o meio físico poderia ser hostil e mesmo mau, os americanos, porém, iriam raspar toda essa natureza bruta, suprimir suas manifestações hostis, e os próprios índios se necessário, e, graças aos progressos da ciência e às máquinas, reconstituíram suas terras de modo a organizarem um país para o seu uso e gozo.

Nesse episódio destaca com apreciável nitidez homem-fator geográfico, no caso resultante do puritanismo calvinista e do racionalismo do século XVIII, de qualquer modo do homem como elemento modificador do meio, em que pese certo exagêro caricatural de Buffon.

*
* *
*

3. O século XIX surge sob o signo da Revolução Francesa e deverá sentir o impacto da Revolução Industrial.

Do ponto-de-vista político e jurídico verifica-se a independência dos países sul-americanos e da Grécia, bem como a secessão da Bélgica. As aspirações populares acentuam seu caráter *nacional* quanto à política externa, e *social* quanto à política interna. A vontade nacional é que conta na organização política dos territórios.

No campo filosófico Schopenhauer conclui que o meio físico não vale senão como representação do que dêle se queira fazer; Augusto Conte pretende indicar como o espírito humano deve passar da crença em agentes sobrenaturais à crença em forças abstratas capazes de conduzir ao "estado positivo"; os conceitos de Hegel deixam antever um sistema de relações através do Espaço Geográfico total.

Nos domínios da Biologia, a teoria evolucionista de Darwin rasga novos horizontes às relações entre a matéria e a vida, no gênero humano e no reino animal e, logo a seguir, Lamarck encabeça a teoria da adaptação biológica que viria consubstanciar as capacidades do homem — fator geográfico.

O impacto da Revolução Industrial iria pôr em grande destaque a diferenciação dos territórios em função de seus recursos naturais, conceito de fundo especial logo pôsto em equilíbrio instável pelo valor relativo desses recursos no quadro da competição econômica e dos processos tecnológicos em função de fatos ligados à Posição.

Assim é que se verifica a confluência dos fatos biológicos, econômicos e políticos na contextura da moderna Ciência Geográfica que, desse modo, se apresenta a um tempo física, humana e política; descritiva, comparativa e interpretativa, do que resulta a necessidade da aprecia-



CENTRO PROXIMO AO CANAL DO PANAMÁ



CENTRO EM TÓQUIO

ção dos fatos geográficos simultaneamente relacionados com o Espaço e a Posição. Nesse quadro a *dinâmica geográfica* emprestaria ênfase aos aspectos ligados à Posição, na medida em que se revelassem novos e cada vez mais aperfeiçoados meios de transporte e comunicações como expressão prática da *circulação*, em termos de *velocidade*.

A cavaleiro da transição entre o século XIX e o século XX que estamos vivendo, é que os estudos geográficos se organizam, segundo determinadas escolas, em torno das idéias de Halford Mackinder (inglês), Vidal de la Blache (francês), Friedrich Ratzel (alemão) e William Morris Davis (norte-americano). Enquanto que Davis contribuiu fortemente para a consolidação da teoria geral da Geografia Física, Mackinder, De la Blache e Ratzel se interessaram preferencialmente pelos fatos humanos e problemas políticos. As escolas de Mackinder e De la Blache não corresponde propriamente um corpo de doutrina, mas sente-se a realidade histórica difusa em suas obras. Inversamente, o espírito germânico conduziu Ratzel, diretamente, à sistematização de suas idéias, segundo um corpo de doutrina de fundo naturalista e filosófico e referida, do ponto-de-vista político, ao Espaço (Raum) e à Posição (Lage).

De vez que os fatos históricos nem sempre se mostraram suficientemente claros aos seus olhos, à luz da natureza do Espaço e das características da Posição, criou Ratzel um novo fator — Raumsin, o "sentido do Espaço" — de fundo biológico porque admitido como inato no Homem e capaz de imprimir-lhe ou não o gosto expansionista. Animaram as concepções ratzelianas a unificação da Alemanha com Bismark e suas conseqüências anexionistas, à custa da França, da revisão das fronteiras balcânicas e da reestruturação colonial da África.

A invenção do "Sentido do Espaço" (Raumsin), como terceiro fator na apreciação geográfica dos fatos políticos, criou simultaneamente grave distorção à escola geográfica da Ratzel e irresistível estímulo para a eclosão de teorias geopolíticas, notadamente porque amparadas na teoria do mar como fonte de poder político, consolidada pelos trabalhos de Mahan (norte-americano), aparecidos nos Estados Unidos, a propósito do Poder Marítimo, "como sendo a capacidade de controlar ou disputar o controle do alto-mar ou dos oceanos, em tempo de paz, assegurando o livre uso das linhas marítimas, e, em caso de guerra, interditando-as ao uso pelo inimigo" ("Influence of Sea-power on the History") "The Influence of Sea-power on the French Revolution and Empire", "Nelson, the Embodiment of the Sea-power of Great Britain", "Armaments and Arbitration").

*
* *
*

4. As idéias geopolíticas (Nihil sub sole novum) remontam até Aristóteles, Strabo e Albertus Magnus cujos estudos chegaram a prever a construção do Canal de Suez. As teorias geopolíticas, porém, só aparecem com Mackinder, pela introdução do fator marítimo como constante na fórmula política, às quais não são estranhas à privilegiada posição insular de seu País, conforme as idéias de sua primeira grande obra "A Grã-Bretanha e os Mares Britânicos" ("British and the British Seas") e, posteriormente, de seu memorável artigo "O pivot geográfico da História" (Geographical pivot of History) estampado no órgão oficial da Real Academia de Londres.

Os Estados seriam continentais ou marítimos, aqueles apoiados por forças terrestres, estes por forças navais, tendo em vista sua própria segurança ou dar expansão à sua influência. Se alguma potência conseguisse ser igualmente forte em terra e no mar seria preciso considerar uma terceira categoria, nesse caso ambivalente.

Somente mais tarde (1919) é que Mackinder desenvolve a pleno a sua teoria em seu livro "Os Ideais democráticos e a Realidade" (Democratic Ideals and Reality).

O problema é simples. Não há senão uma grande massa de terra, constituída pelo conjunto Europa-Ásia-África, cercada de oceanos — a "Ilha do Mundo" ("The World Island"). A parte mais interiorizada é o coração da grande massa — o "Heartland", que em seus esboços ilustrativos quase coincide com o território russo. Donde as teorias da "Região-Pivot" e da "Região Interior" que conduzem em linha reta à fórmula — quem domine a Europa Oriental comanda o "Heartland", quem domine o "Heartland" comanda a Ilha do Mundo, quem domine a Ilha do Mundo comanda o Mundo. O "Heartland" é envolvido por duas "orlas" (fringias).

É visível a influência histórica nas idéias geopolíticas de Mackinder. Olham mais para o passado, quando as forças terrestres e navais sequer se interpenetravam, que para o futuro quando o desenvolvimento da Aviação possibilitaria o Emprêgo Combinado de Forças. Sente-se no fundo de suas idéias séria repercussão da tradicional política anglo-russa.

Durante a I Guerra Mundial, Kjellén, sueco germanófilo de certa projeção, foi quem criou o termo "Geopolitik" para traduzir as relações que se estabelecem entre os Estados, sua política e as leis naturais. Inspirado em Ratzel e nas doutrinas filosóficas alemãs, em particular sobre a "nação-indivíduo" de Hegel, Kjellén previa a vitória das Potências Centrais em consequência de sua posição geográfica, de sua dinâmica e das qualidades de sua raça.

A vitória dos Aliados foi considerada pelos alemães fanatizados pelas idéias de Kjellén como uma espécie de malentendido histórico, como um acidente antinatural, que seria preciso reparar de modo a assegurar à raça germânica a superioridade mundial a que tinha direito "por força das leis naturais".

Essa seria a *deixa* para a entrada na cena geopolítica da marcante personalidade de Haushofer. A Alemanha havia perdido a Guerra por não ter assimilado suficientemente a geografia política, cujos princípios logicamente lhe asseguravam o sucesso. Impunha-se um plano de ação melhor assentado em "conhecimentos científicos" para repor a Alemanha no seu lugar de superpotência mundial.

O General Karl Haushofer, professor da Universidade de Munique, que dirigia o Instituto de Geopolítica, desobrigou-se dessa tarefa primeiro, trabalhando o espírito de Rudolf Hess e do próprio Adolf Hitler, depois, tornando sua escola geopolítica em preciosa e autorizada fonte de consulta do partido e do governo nazistas. Para inspirar mais confiança insistia Haushofer não serem suas as idéias geopolíticas, senão que decorrentes da obra de Ratzel e de trabalhos de estrangeiros como os do sueco Kjellén e do inglês Mackinder, embora com certo constrangimento quanto a Mackinder.

Como pivot-geográfico considera Haushofer a Europa Oriental, por sua posição central entre as potências marítimas do ocidente e a Rússia, como grande potência terrestre do "Heartland", tendo em vista a conquista da Ilha do Mundo para o domínio mundial. Admite pequena variante quanto à orla externa de Mackinder.

A escola geopolítica de Haushofer exerceu forte influência sobre a mentalidade de universitários, de técnicos, militares e políticos alemães (1934-42) como doutrina destinada a absorver toda a ciência política e dar sentido germânico às ciências sociais, e de tal modo determinista que atingiu às raias de diabólico cinismo.

De suas concepções decorreram o eixo Berlim-Roma, o ressurgimento do "Mare Nostrum" como fórmula para o domínio fascista do Mediterrâneo e a doutrina do Espaço Vital (Lebensraum), tão útil à expansão japonesa sobre a Ásia.

A Geografia, desse modo a serviço de ambições imperialistas, a Geopolítica como uma espécie de fundamento científico de preparação para guerra, provocaram decidida reação entre os geógrafos norte-americanos, no campo internacional, idêntica à provocada pelos conceitos de Buffon.

Dentre todos destaca-se Isaiah Bowman que em plena guerra denunciou a Geopolitik de Haushofer, opondo-lhe conceitos de alto teor moral, por isso mesmo, contrários a qualquer determinismo físico ou tendência materialista nas atitudes políticas. Insistia Bowman sobre a necessidade de se estudar a estrutura social, religiosa e econômica de um país para que se possa concluir de seu justo valor moral, e consequentemente político, em verdade a fonte de energia essencial de qualquer país.

Para tanto estava Isaiah Bowman preparado, como se pode concluir das idéias compendiadas em seus livros, dos quais dois são do maior interesse em geografia política, um sob o título "Novo Mundo" ("New World" — 1913-1921) de sabor wilsoniano, outro denominado "A Geografia e suas relações com a Ciência Social" ("Geography in relation to the Social Science" — 1934), cuja idéia-diretriz está em que "o mundo não é apenas uma coleção de fatores, de condições ou de leis senão uma série de *processus*".

A conceituação política de Bowman teve a força de galvanizar numerosos geógrafos e especialistas em ciências políticas em seu País como Kish, Weigert, Whittlesey, Mattern e outros.

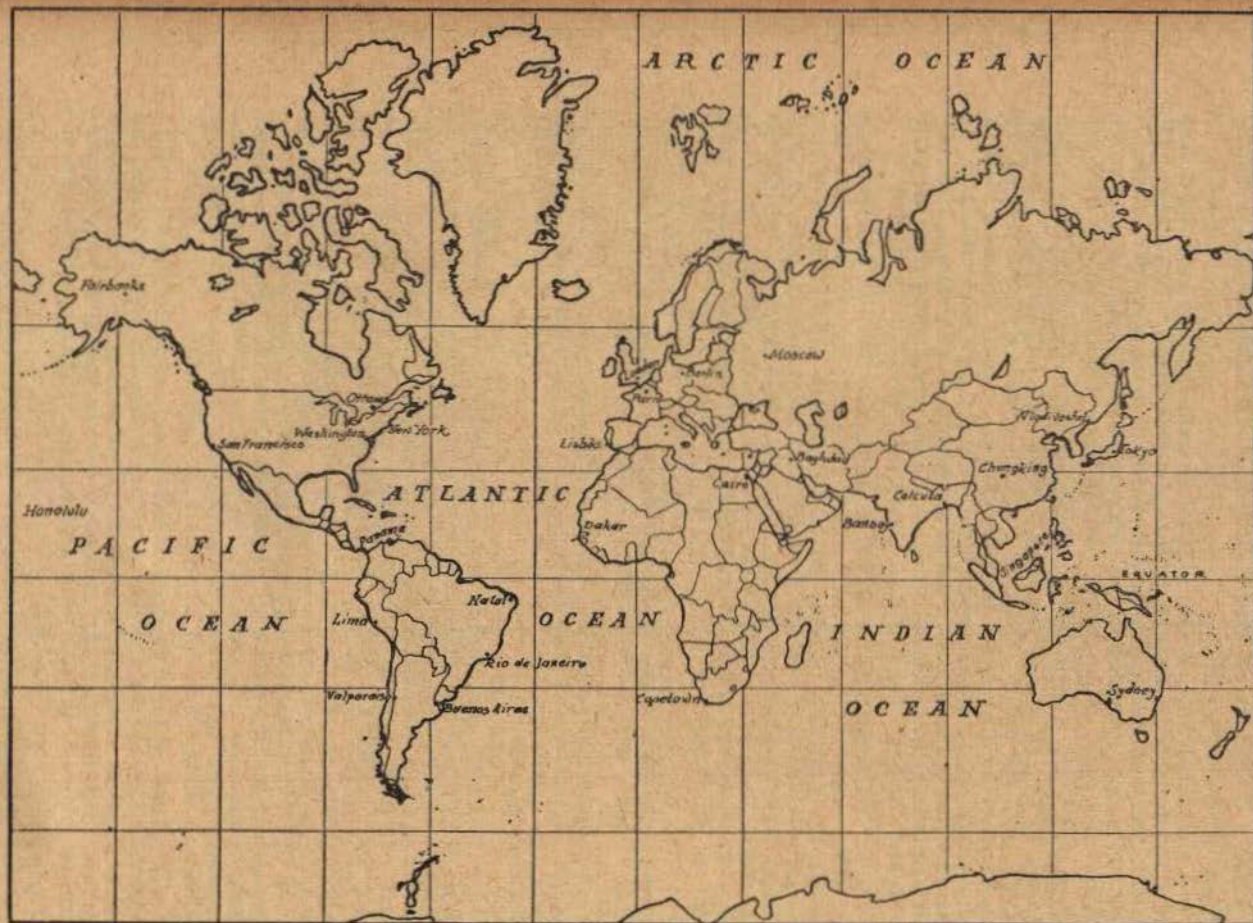
Não seria possível encerrar essas considerações sem a necessária referência à reação consubstanciada na obra de Nicholas J. Spykman "A Estratégia Americana e a Política Mundial" ("America's Strategy and World Politics"):

A reação de Spykman é de ordem prática, pois consiste, grosso modo, em considerar o centro do planisfério não mais a massa das terras do velho Mundo, senão as próprias terras do Novo Mundo em relação ao "Rimland", isto é, às terras, continentais ou não, que bordam o "Heartland"; essas já famosas "*fringias*" que tanto têm dado que pensar, a "orla interna" do "Heartland" de Mackinder e Haushofer.

Enquanto que Haushofer pretendeu em fundamentos geográficos o domínio do Mundo, Spykman — com sua geopolítica de emergência, em busca de curar o mal com o próprio mal (*Similia similibus curantur*) — apenas pensou em preservar o Hemisfério Ocidental cujos postos avançados estariam no "Rimland", por sua vez especialmente apto como base de partida para ações ofensivas como o comprovaram, ulteriormente, a invasão da África e da Itália e a invasão da Europa.

Eis como as teorias geopolíticas marcaram a Posição Geográfica como fator decisivo na apreciação dos fatos políticos. Os geopolíticos, no entanto, parece se deixarem impressionar demasiado pela certeza de que cerca de 75% da superfície terrestre é coberta pelo Mar, pois, esqueceram, em pleno século XX, que o Ar envolve, simultaneamente e em várias camadas de grande espessura, a Terra e o Mar.

Essa transferência geodeterminista do Espaço para a Posição, obtiveram as teorias geopolíticas ao preço do grosseiro erro psicológico da interiorização dos *estímulos*, sem mesmo levar em conta a *natureza espacial* dos territórios que pretendiam engrenar politicamente.



CARTA EM PROJEÇÃO MERCATOR, CENTRADA NA EUROPA
(CILÍNDRICA)

Está-se diante de uma Geopolítica a duas dimensões, elaborada à base de uma cartografia cilíndrica por demais apropriada a promover distorções psicológicas no terreno político, como ficaria evidente na obra de Spykman de publicação póstuma, intitulada "A Geografia da Paz". ("Geography of the Peace").

*
* *

5. Em verdade, porém, o território, como expressão geográfica de unidades políticas, não pode deixar de ser considerado a fundo, quando se trate de medir ou estimar o Poder Nacional dessas unidades, isoladamente ou como parte de um conjunto de unidades.

Nessa medida ou simples estimativa do Poder Nacional de pouco vale a consideração mesmo em separado da natureza do Espaço e das características da Posição, tais as reações de causa e efeito que os fatos políticos estabelecem entre esses dois fatores geográficos de base.

O território é por definição um compartimento de espaço geográfico politicamente distinto dos que o cercam, traduzindo a existência do Estado como entidade jurídica, administrativa e política.

Dêsse modo, a caracterização do território se expressa em termos de *superfície* (extensão) e por sua *posição* em relação a determinados estímulos extraterritoriais.

A *extensão* e a *posição* constituem, assim, as características essenciais do território.

A extensão, traduzida praticamente em *distâncias*, define o território *quantitativamente*, mas ainda é preciso defini-lo *qualitativamente*, isto é, em função de sua organização, da maneira por que se realizam suas potencialidades, o partido que se tira de seu relevo e clima, de sua hidrografia, pedologia e geologia, de sua flora e de sua fauna, em uma palavra, segundo o seu grau de civilização.

As distâncias constituem sério obstáculo, mesmo quando se dispõe de vários meios de transporte, altamente remuneradores, no entanto, depois de vencidas. Em caso de guerra implicam em extensas e variadas fronteiras a guardar e graves problemas logísticos a resolver, mas apresentam apreciável vantagem para a defesa em profundidade.

É mais fácil destruir-se um país exíguo que um país vasto, do mesmo modo que é mais difícil organizar, valorizar as potencialidades de um país vasto que de um país exíguo.

A Rússia e a China são exemplos dignos de nota, no particular, pela facilidade com que se têm defendido de invasões estrangeiras, notadamente a Rússia com os desastres de Napoleão e das hostes nazistas, e pela dificuldades em valorizar suas imensas potencialidades, especialmente quanto aos recursos minerais e às fontes de energia, devido a severas refrações da Posição, como acontece na Sibéria e na China meridional.

A favor da *extensão*, como característica territorial, deve-se ainda computar, na paz como na guerra, a faculdade jurídica do Estado de interditar o uso ou trânsito territorial, tanto mais que esse direito pode ser negociado, o que exalta o seu valor político.

A história do Império Britânico é, sob esse aspecto, verdadeiro mostruário de fatos políticos em torno da expressão geográfica de suas bases navais e aéreas, notadamente depois de 1945.

A continuidade territorial ou a soberania exercida sobre territórios esparsos; a maior ou menor proximidade de outros territórios, até à continuidade territorial; a natureza das áreas intercaladas entre territórios não contíguos, sob mesma bandeira ou não, são modalidades do território que dizem respeito à Posição Geográfica.

Essas modalidades cada dia assumem novos contornos à medida que a *velocidade* reduz a quase nada o trânsito sobre *águas de ninguém* ou *terras de alguém*, e o apoio terrestre às aeronaves, indispensável à regularidade e segurança de voo, requer ajustes que cada vez mais afetam a compartimentação nacional da superfície terrestre.

A verdade é que a constante diminuição das distâncias pelo crescente índice de velocidade dos veículos começa a inquietar os espíritos em face do progressivo *encolhimento do mundo*, tal como se pode constatar na observação de certas opiniões a respeito do Atlântico, como novo Mediterrâneo (o outro ficará a conta de águas interiores); o novo Gibraltar Natal-Dakar; a Europa ocidental como uma península da Eurásia (mero acidente geográfico) e outras inspiradas pela navegação transpolar em moldes aeromarítimos.

A extensão e a posição do território, como coordenadas do Poder Nacional, implicam, evidentemente, na consideração da *forma* do território, do contorno resultante de suas *fronteiras*, tal a ênfase que a *forma do território* empresta aos fatos ligados à geodinâmica, ou seja às condições de circulação, às linhas naturais de penetração ou expansão e, inversamente, às barreiras naturais.

O problema seria simples se a forma do território fôsse invariável, o que não acontece devido às pressões políticas de fora para dentro e sua capacidade de resistência de dentro para fora, nem sempre compensadas, o que levou Jacques Ancel a definir a fronteira como "uma isóbara política".

É que as fronteiras não são da mesma natureza e, quase sempre, se politicamente separam não conseguem fazê-lo geograficamente, nem mesmo quando se trata das chamadas *fronteiras naturais ou estratégicas* — os rios e os divisores d'água — de fácil caracterização mas altamente aglutinantes como acontece com os rios e com os divisores de permeabilidade média.

Dois casos continentais podem ilustrar aquela dualidade funcional das fronteiras: de um lado, a fronteira entre o Brasil e o Uruguai, em torno da qual se verifica a mais perfeita semelhança topológica (pelo menos até o vale do rio Negro) e apreciável identidade de gêneros de vida; de outro, a fronteira argentino-chilena em que os Andes não impediram ou sequer dificultaram o acordo sugerido pela Argentina e aceite pelo Chile, à base da circulação transandina.

Dessa dualidade política e geográfica é que se originam os *quistos fronteiriços* como fenômeno ecumênico; as *áreas litigiosas* por vícios de demarcação oriundos de deficiências cartográficas ou documentais e as *zonas de fricção* consequentes do próprio intercâmbio fronteiriço. Ao longo da história diplomática continental qualquer dessas modalidades pode ser exemplificada.

Ainda a essa dualidade é que se devem os artifícios políticos postos em ação em proveito do fortalecimento ou acomodação de fronteiras, como a criação do *Estado-Tampão*, de caráter estático no quadro político-estratégico; do *Estado-Charneira*, funcionalmente dinâmico no âmbito desse quadro, e outros tipicamente exemplificados pelo "Corredor Polonês".

O Estado-Tampão resume a versão corrente de um pequeno Estado entre dois outros maiores e de interesses contraditórios. A Polônia e a Finlândia, como a Rumânia no século passado, e os territórios mongóis e turkmenos, entre a Rússia e a China, são autênticos espécimes de Estado-Tampão. A Bélgica e o Uruguai, este quanto à histórica disputa do Prata, realizam a figura do Estado-Charneira, isto é, em torno do qual giram interesses políticos de dois ou mais Estados, podendo ser definidos por um objetivo geográfico.

A Rússia parece que se especializou em fabricar Estados-Tampões por sua capacidade política em fracionar os Estados na periferia de seu vasto território, do mesmo modo que está se esforçando em semear Estados-Charneiras por toda parte. O Haushofer bolchevista parece bem mais capaz que o original germânico, por isso que vê as "regiões-pivot" do lado de fora do sistema euro-asiático, lá onde o atrito poderá produzir a energia necessária para pôr em movimento o seu mecanismo político-estratégico.

O recurso à definição astronômica das fronteiras, não é senão uma solução expedita, pelo menos no campo internacional, conforme se verifica com o famoso Meridiano de Tordesilhas, dividindo terras de Portugal e Espanha; com o paralelo 49 que baliza a fronteira entre os Estados Unidos e o Canadá, quando as terras já se avizinham do fâcies polar ou, mais recentemente, o paralelo 38, dividindo a península coreana em Coreia do Norte e Coreia do Sul, dois Estados-Charneiras justapostos mas funcionalmente antagônicos.

No que tange às fronteiras marítimas, e *mar territorial* é que as define, de modo aliás grosseiro por não levar na devida conta a extensão do "planalto continental", a existência de ilhas ou arquipélagos como parte territorial do Estado e até a confluência de fronteiras marítimas em áreas angustas, como no Golfo de Ataka (Mar Vermelho) em relação a quatro Estados egípcios (Egito, Israel, Jordânia e Arábia), tudo em consequência da largura preestabelecida para o *mar territorial*. Na II Guerra Mundial vimos como foi tumultuada pelos interesses político-militares nazi-fascistas a ampliação do mar territorial em torno do Hemisfério Ocidental, em sua vertente atlântica, de três para trezentas milhas.

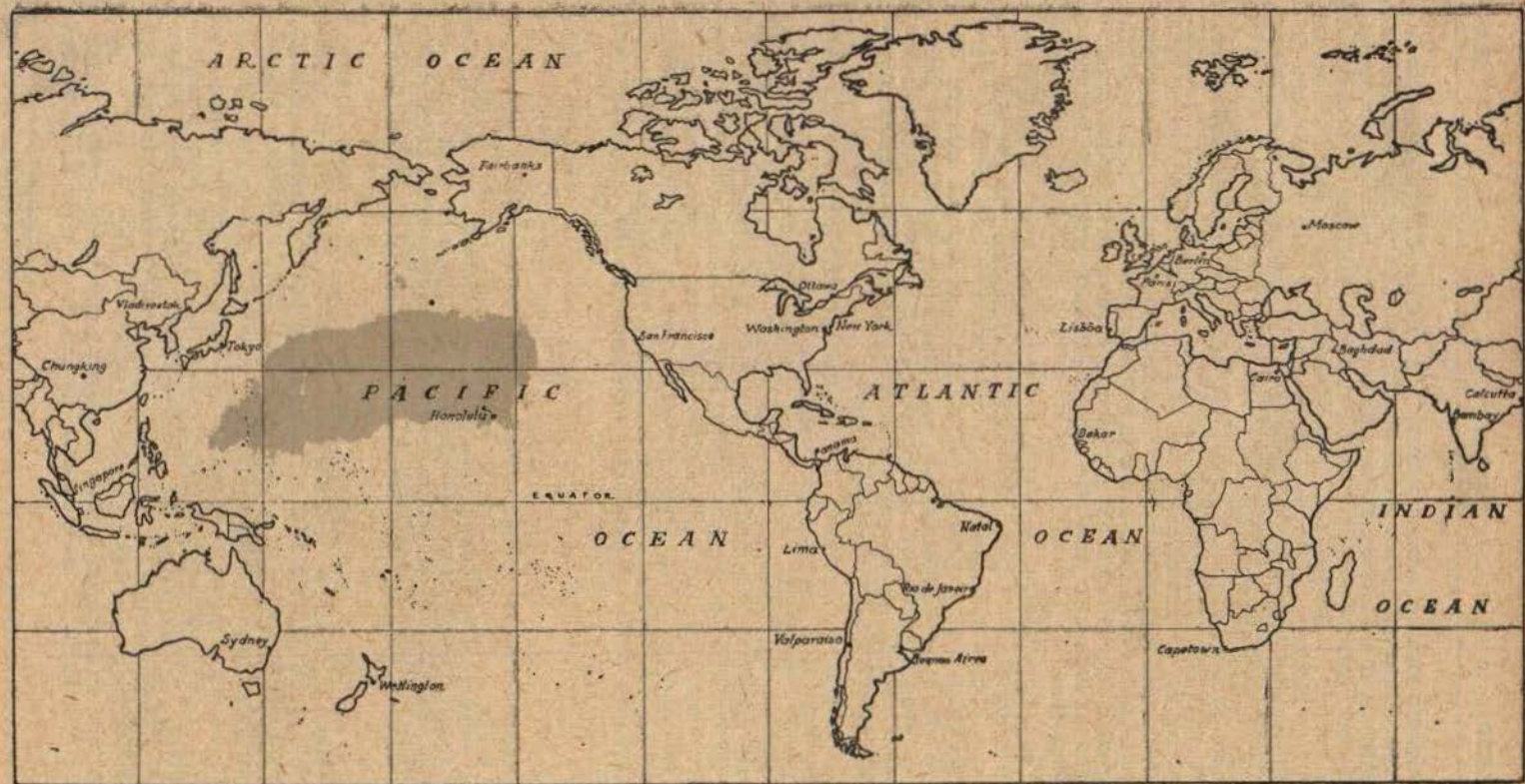
*
* *

7. Forçoso é reconhecer, data de tempos imemoriais a necessidade da definição de fronteiras, referências geográficas para o exercício da soberania dos Estados ou Nações, meio de assegurar *forma* conveniente no território e linha de defesa ou de partida para o ataque, em caso de guerra.

Desde a milenar *Muralha da China*; os *limes* do Império Romano, estabelecidos, à frente de rios-fronteiras, desta vez, como linhas de acolhimento; as *marchas*, províncias militares germânicas, balizando as linhas de fronteira, até os nossos dias, têm as fronteiras exercido constante influência na configuração política do território.

O problema moderno da reconstituição das fronteiras nos Tratados de Paz oferece excelente campo para a observação do fenômeno político da fronteira, através do esforço de Diplomatas e Generais para harmonizarem interesses políticos e militares nem sempre coincidentes e, por vezes, opostos.

No caso da ocupação militar, corroboram esse ponto-de-vista recentes exemplos dignos da maior atenção, destacando-se a divisão da França



CARTA EM PROJEÇÃO MILLER, CENTRADA NO HEMISFÉRIO OCIDENTAL

(CILÍNDRICA)

em dois semi-Estados que Paris e Vichy simbolizaram; a justaposição de uma Alemanha oriental e outra ocidental, e a repartição de Berlim entre aliados de um lado e bolchevistas de outro, como verdadeiras zonas pára-choques, à guisa de palha entre cristais. Em seu conjunto, as linhas que definem essas porções de território têm o aspecto formal de simples de jurisdição, mas funcionam, praticamente, como se fronteiras fóssem.

Da observação das fatos sente-se, de modo geral, que o conceito de fronteira já ultrapassou as fórmulas tradicionais e que evolui com a própria evolução tecnológica que assoberba o mundo, quer quanto ao progresso das técnicas de guerra, quer quanto à aceleração circulatória, graças a meios de transporte e comunicações cada vez mais velozes e de maior alcance.

Da própria terminologia corrente, pode-se concluir da generalização do conceito de fronteira, segundo novas acepções do termo. Dentro das próprias fronteiras nacionais ouve-se falar de *fronteira demográfica* e *fronteira econômica*, principalmente quando se trata de países de grande extensão, em que as distâncias resistem ao emprêgo mesmo dos mais modernos meios de transporte, quando mais não seja pelo custo dos equipamentos e de sua manutenção. O caso brasileiro, se aqui pudesse ser tratado agora, seria por demais ilustrativo, pelas condições particulares de seu território, encravado como se encontra entre o Atlântico e os Andes, se estudando à luz de sua divisão em Regiões Geográficas, segundo a versão do Conselho Nacional de Geografia, a mais interessante das versões quanto às regiões geonaturais do Brasil, porque em termos de circulação.

De um ângulo de maior abertura, aí está a *Cortina de Ferro* como a *fronteira psicológica* entre as duas ideologias que dividem o mundo em duas partes inajustáveis, de que resulta a *Guerra Fria*, uma de suas imediatas conseqüências.

A exteriorização e proliferação do "pivot-geográfico" que os Estados-Charneiras ou regiões-charneiras representam atualmente — um pouco por toda parte e referidas à Cortina de Ferro, como última das mais avançadas acepções da noção de fronteira — ampliam o conceito de fronteira até os mais afastados limites, até onde possam encontrar-se ameaças à sobrevivência nacional.

Ao passo que a noção de *soberania* se vincula à *fronteira espacial* de que vínhamos tratando — aquela que dá forma à extensão territorial e expressão à posição do território, como fundamentos do Poder Nacional; a que define o Estado como entidade jurídica, administrativa e política — quando se trate de *sobrevivência* como se faz necessário rebater a fronteira espacial sobre latitudes e longitudes até insuspeitadas mas que precisam os pontos de aplicação do Poder Nacional, tanto é verdade que a soberania é uma questão de *direito* e a sobrevivência uma questão de fato. Apesar do caráter pessoal dessa interpretação, não há dúvida que foi esse *rebatimento* da fronteira espacial que nos integrou na Batalha do Atlântico e nos levou ao TO da Itália e poderá exigir nossa presença no TO coreano ou noutras longitudes e latitudes, o mesmo fenômeno político-militar de grande porte que está mobilizando as forças da ONU, de emprêgo previsto em qualquer dos quadrantes do globo terrestre.

*
* *

8. Nessa ordem de idéias é preciso lembrar que a evolução tecnológica resulta de descobertas e invenções, e respectiva industrialização, devidas à acuidade mental do Homem e sua multiforme habilidade experimental e mais, que à natural capacidade biológica de adaptação do

ser humano às mais variadas condições de altitude, ou profundidade, e de temperatura, correspondem artificiosos equipamentos que alongam de modo surpreendente essa sua capacidade — para que se conclua das formas bizarras de traçado que o rebatimento da fronteira espacial pode assumir.

Deve-se convir, entretanto, que do ângulo do Poder Nacional não se trata simplesmente do ser humano, do Homem no que êle tem de divino e diabólico, senão que do *homem nacional* plasmado por intrincadas forças antropológicas e que só conta pela maneira porque entra e atua no grupo social; pelos mecanismos demográficos que associam ou dissociam a atividade dos grupos sociais; pela maior ou menor conexão dos gêneros de vida; pelo tipo de cultura e desenvolvimento cultural definido por seu *estatus*. Ainda aqui a apreciação do caso brasileiro seria por demais interessante pela superposição da feição plural do Homo Brasileenses às pluralidades do território brasileiro.

Donde, no terreno das realidades, a figura estonteada do homem contemporâneo, como agente modificador do meio, capaz de construir, destruir e reconstruir, e utilizar qualquer área geográfica, quase que a seu talante, em consequência, sobretudo, de novos módulos de tempo e espaço resultantes de novos e mais velozes meios de transporte e de novos e mais amplos meios de comunicações.

Não é tarefa difícil concluir-se que, no ambiente tecnológico moderno, em que o Homem atua como fator geográfico de primeira grandeza, não há mais lugar para tendências deterministas, para soluções unilaterais ou simplistas nos domínios da Geografia, como de resto em qualquer outro domínio, mesmo quando alçada a Geografia aos cimos da interpretação geopolítica. A visão esferoidal do globo terrestre é tendência irresistível dos novos módulos de tempo e espaço criados pela *Velocidade* como sinal dos tempos, conduzindo à *integração* e não à *diferenciação* dos fatos geográficos.

Ao determinismo espacial sucedeu o determinismo da posição, mas não será fácil mergulhar o mundo nas trevas de novo determinismo, nem mesmo quanto ao homem-fator geográfico pela fragilidade de sua textura psicológica, por sua evidente falibilidade diante do drama humano, que somente Deus conhece os designios.

Até o século XVIII as descobertas e invenções apareciam e se processavam em ritmo mais ou menos lento ou pelo menos sem imediata repercussão industrial. Os fundamentos geográficos do Poder Nacional se mantinham quase que em equilíbrio estável durante largos períodos de assimilação social e política da evolução tecnológica.

A partir do século XIX, porém, a evolução tecnológica é acelerada por ininterruptas séries de descobertas e invenções de surpreendentes e imediatos efeitos industriais, de que a energia nuclear é o mais recente capítulo, gerando assim a instabilidade como regra nas concepções políticas, no valor dos fundamentos geográficos do Poder Nacional, sujeitos como se encontram à elaboração de uma "série de processos", conforme o judicioso conceito de Isaiah Bowman.

Figuras :

- a) Seis aspetos do mundo em projeção azimutal.
- b) Carta em projeção Mercator, centrada na Europa (cilíndrica).
- c) Carta em projeção Miller centrada no Hemisfério Ocidental (cilíndrica).

(Conclui no próximo número)

OS FATORES POLÍTICOS NO CONDICIONAMENTO DO CONCEITO ESTRATÉGICO NACIONAL

Professor FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARAES (*)

1) GEOPOLÍTICA

O vocábulo "Geopolítica" é um desses neologismos que, nos últimos tempos alcançaram certo prestígio, talvez exagerado, tornando-se a palavra da moda. Exaltada por uns, como chave dos problemas mais complexos da política internacional, detestada por outros, como um produto perverso do nazismo, a Geopolítica é freqüentemente deturpada e suas várias definições são geralmente confusas, prestando-se a equívocos.

Prefiro apoiar-me na simples e clara definição de Everardo Backheuser, o iniciador desses estudos em nosso país: "Geopolítica é a política feita em decorrência das condições geográficas". Trata-se, pois, não de um ramo da Geografia, mas de um capítulo, dentre outros, da ciência Política. Não coincide, de modo algum, com a Geografia Política, que é o estudo da contribuição dos fatos políticos na diferenciação regional que se observa na superfície da terra.

Dentre as condições geográficas a que se refere a definição, assume especial importância a **posição geográfica**, como um dos determinantes do Conceito Estratégico Nacional.

Tal posição, tendo em vista uma dada conjuntura internacional, apresenta-se como uma fatalidade, que ao homem não é dado modificar. É certo que o conceito estratégico decorre sobretudo das aspirações nacionais e não rigidamente da posição geográfica, mas em qualquer hipótese este fator exerce influência capital sobre aquele conceito, especialmente quanto à política a seguir para alcançar os objetivos nacionais. Lembremos apenas, a delicada situação da Finlândia e da Turquia nos dias atuais.

(*) O Professor Fábio de Macedo Soares Guimarães possui o Curso de Engenharia Civil e Geógrafo pela antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro (atual Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil), é licenciado em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, possui o Curso de Especialização na Universidade de Wisconsin (EUA) e o Curso Superior de Guerra. Dentre as importantes comissões que tem desempenhado, destacando-se: Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, da Faculdade de Filosofia do Instituto Santa Ursula, do Ensino Técnico (Curso Básico) da PDF; Presidente da Comissão de Geografia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História e Representante do Brasil junto ao Conselho Diretor do mesmo Instituto; Geógrafo, Chefe da Seção de Estudos Geográficos, Diretor da Divisão de Geografia e Secretário-Geral do Conselho Nacional de Geografia; Membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra; Membro da Delegação Brasileira ao XVI Congresso Internacional de Geografia (Lisboa, Portugal); Vice-Presidente da Comissão Organizadora do XVIII Congresso Internacional de Geografia (Rio de Janeiro). É membro efetivo da "Associação dos Geógrafos Brasileiros", da "Sociedade Brasileira de Geografia" e da "American Geographical Society". Autor de diversos artigos publicados na "Revista Brasileira de Geografia", no "Boletim Geográfico" do Conselho Nacional de Geografia, no "Bulletin de l'Association de Géographes Français", destacando-se: "O Planalto Central e o Problema da Mudança da Capital do Brasil"; "Esboço Geológico do Brasil"; "Relêvo do Brasil"; "Clima do Brasil"; "Le Choix du Site de la Nouvelle Capitale du Brésil", etc.

Feliz a nação cujo conceito estratégico estabelecido pelas suas aspirações está em perfeita harmonia com a posição geográfica. Este é o caso do nosso país, situado, geograficamente, no hemisfério ocidental.

O estudo dos fatores geopolíticos vai repercutir diretamente na determinação das áreas estratégicas, mas isso escapa ao nosso tema. Lembremos, apenas, a nova significação geopolítica do Nordeste brasileiro, em face da conjuntura internacional.

2) ESTRUTURA POLÍTICO-ADMINISTRATIVA

A estrutura político-administrativa decorre do regime político adotado pela nação brasileira, cuja definição é dada pelo art. 1º da Constituição, segundo o qual o Brasil é uma República Federativa, sob o regime representativo, em que todo o poder emana do povo e em seu nome é exercido.

Não tentarei descrever essa estrutura, nem mesmo resumi-la. Ela é fixada pela Constituição que traça, pelo menos implicitamente, os objetivos nacionais. Dentre os seus artigos salienta-se o art. 4º que estabelece as condições de recurso à guerra e proscreve, de modo absoluto, a guerra de conquista. Outras disposições interessam indiretamente ao conceito estratégico, como o Título IV, que constitui a declaração de direitos, o Título V, que consagra os princípios da justiça social e o VII, que trata das Forças Armadas.

Faltam-me as credenciais para ensaiar qualquer crítica à nossa estrutura político-administrativa. É certo que as nossas instituições merecem um estudo aprofundado, a fim de verificar-se até que ponto elas satisfazem às exigências da segurança nacional, tendo em vista a realidade da época, de crise universal, em que vivemos.

Certas deficiências são, entretanto, sentidas, embora não apontadas especificamente. É geral o sentimento de que é necessário melhor coordenação dos diferentes órgãos administrativos e mesmo dos da defesa nacional.

Surgem ainda queixas quanto à necessidade de *atualizar* algumas instituições que representam sobrevivências de época já ultrapassadas, não mais atendendo às necessidades da sociedade atual. Citò aqui, por exemplo, as observações feitas pelo Deputado Euvaldo Lodi, sobre produção industrial, ao referir-se ao que êle chama a "resistência das condições institucionais".

"São suas palavras: 'Existe uma distância, que se vai alargando, entre o ritmo em que se transforma a nossa estrutura econômica e o ritmo de adaptação de instituições, que refletem ainda o espírito, os objetivos e os métodos de ação de uma sociedade integrada num sistema econômico colonial...'"

Essa "resistência" a que se refere Euvaldo Lodi será certamente aproveitada pelos comunistas como comprovação de uma das teses mais caras ao materialismo dialético marxista, as chamadas "contradições" entre as forças de produção e as relações institucionais, contradições essas que a doutrina comunista considera uma fatalidade somente superada pela violenta revolução social. Cabe a uma democracia em plena vitalidade reajustar periodicamente suas instituições básicas, resolvendo por evolução pacífica essas tão famosas "contradições", conforme têm conseguido modelares nações democráticas.

Em outros casos, é necessário, não propriamente modificar a estrutura, mas simplesmente dinamizá-la, pô-la em efetivo funcionamento.

Em outros, finalmente, trata-se de aumentar o rendimento de muitos órgãos administrativos.

3) FATORES PSICOLÓGICOS E MORAIS

A importância das forças morais e dos fatores psicológicos, como condição básica para a sobrevivência de um povo, não precisa ser aqui salientada. São essas forças que mantêm a sua vontade de resistir a qualquer ameaça de desintegração ou de domínio por um povo inimigo.

Dentre esses fatores, salienta-se o **sentimento da unidade nacional**.

No caso brasileiro é inegavelmente forte este sentimento, sendo entretanto necessário uma atitude de permanente vigilância para auscultar qualquer sintoma de seu enfraquecimento.

Os fatores de coesão sobrelevam, sem dúvida, os de desagregação. A atitude brasileira ante o problema racial, a unidade de língua e religião, e sobretudo as tradições, os costumes e a formação histórica, garantem, como garantiram no passado, o "milagre da unidade nacional". Há entretanto, também fatores de desagregação, dos quais um dos mais sérios é o desequilíbrio regional que tende a acentuar-se em nossos dias. É certo que esse desequilíbrio é sobretudo de natureza econômica, mas com fortes repercussões no campo social, no político e até mesmo na constituição étnica. Os remédios contra esse desequilíbrio serão também, principalmente, de natureza econômica.

O problema da unidade nacional não deve ser, porém, compreendido apenas no sentido geográfico ou territorial. Mais grave, talvez, hoje em dia, seja a preservação da unidade moral e psicológica do povo brasileiro.

Desejo aqui citar algumas sentenças do grande filósofo contemporâneo Bertrand Russell, sobre o "poder das idéias", expressas no seu livro "Power: A New Social Analysis":

"O poder de uma comunidade depende não somente de seu número, de seus recursos econômicos, e de sua capacidade técnica, mas também de suas crenças... A coesão social exige uma crença, ou um código de conduta, ou um sentimento dominante, ou, melhor, alguma combinação desses; sem alguma coisa dessa espécie uma comunidade se desintegra e é submetida a um tirano ou a um conquistador estrangeiro... Uma crença, ou alguma espécie de sentimento é essencial para a coesão social, mais, para que seja uma fonte de vigor, deve ser verdadeira e profundamente sentida pela grande maioria da população..." (1). (Russel refere-se aqui a "crenças", no seu sentido mais geral, incluindo o sentido político).

Uma perigosa clivagem apareceu, entretanto, no corpo da nação brasileira, ameaçando a sua unidade: a ideologia comunista.

O simples aparecimento de uma nova ideologia, pugnando por um regime político diverso do atual, nada teria que ver diretamente com o conceito estratégico nacional, se não fosse estar a serviço de uma potência em franca expansão. A ideologia tem como resultado a criação, em todos os países do mundo, de uma quinta coluna fanática, disciplinada e ativa, que atua como força aliada àquela potência.

Pela sua concepção do mundo, a filosofia comunista, baseada no materialismo, é absolutamente inconciliável com a concepção espiritualista (ou "idealista", como a chamam os marxistas), que é o fundamento da civilização ocidental.

É inegável o desenvolvimento do grupo comunista em nosso país. Trata-se de uma minoria, sem dúvida, mas cuja importância não pode ser medida unicamente, em termos numéricos e sim pela sua atividade

multiforme, sob os mais variados disfarces, cujos efeitos já se fazem sentir sobre a opinião pública nacional.

Em caso de conflito entre o Oriente e o Ocidente, a ação dessa quinta coluna porá em sério perigo a nossa ordem interna e reduzirá certamente o nosso esforço de guerra.

A grande maioria da população ainda apoia a organização política brasileira. Boa parte, entretanto, dessa maioria, por ignorância ou comodismo, a aceita sem convicção.

A preparação psicológica do povo brasileiro é parte essencial da política a ser traçada para alcançar os objetivos nacionais expressos no conceito estratégico. A orientação da opinião pública assume tal importância que, como afirma um tratadista da política internacional, o Professor Carr, da Grã-Bretanha, "o poder político na esfera internacional pode ser dividido em três categorias: poder militar, poder econômico e poder sobre a opinião", pois "a política contemporânea depende vitalmente da opinião de grandes massas". (1).

É certo que uma democracia não pode exercer a mesma pressão sobre a opinião pública que os regimes totalitários que, na realidade, a fabricam; mas pode orientá-la, esclarecê-la.

A propaganda anticomunista não deve ser unicamente negativa, mas, ao mesmo tempo "conseguir prestígio para o regime político em que vivemos" e "despertar no povo a necessária fé na capacidade e na sinceridade das classes dirigentes".

A futura guerra não será, como as antigas, uma luta entre pátrias inimigas, mas sim uma guerra entre ideologias irreconciliáveis. Para fortalecer o moral de um povo, em tal luta, não basta apelar para o amor à pátria, mas também para o aprêço ao regime.

Tivemos, aliás, um exemplo da importância deste sentimento com a queda da França ante o ímpeto das hordas nazistas. É inegável que certas classes daquele país tinham perdido o entusiasmo pelo regime dominante e sentiam certa simpatia pelas idéias autoritárias, o que trouxe como resultado, se não uma traição consciente, pelo menos a perda da vontade de resistir e o desejo de acomodação com o inimigo.

A preparação psicológica do povo brasileiro não pode, finalmente, ser separada de uma política de melhoramento do nível econômico e social das classes menos favorecidas, pois o baixo padrão de vida, "se não é causa determinante, constitui pelo menos condição muito favorável à disseminação das idéias comunistas".

(1) Carr, E.H. — "The Twenty Year's Crisis 1919-1939" — Macmillan Co. — Londres — Cap. 8º (reproduzido em Sprout — op. cit. — pág. 31 a 38).

ESCOLAS GEOPOLÍTICAS

JOÃO MENDES DA SILVA (*)

Brigadeiro-do-Ar Engenheiro

1. CONCEITUAÇÃO E DEFINIÇÃO

Ao ter consciência de sua existência, o homem viu em torno de si o espaço — que está sobre todo o globo terrestre — os oceanos — que cobrem 75 % da superfície da Terra — e o solo — que cobre os 25 % restantes do geóide.

De seus interesses individuais e de sua associação com os outros homens, resultando as aspirações do grupo social humano, surgiu a ciência e arte da política. A política é velha como o próprio homem.

Quando aos grupos nacionais e à política associou-se a geografia com suas imposições, surgiu a *geopolítica*.

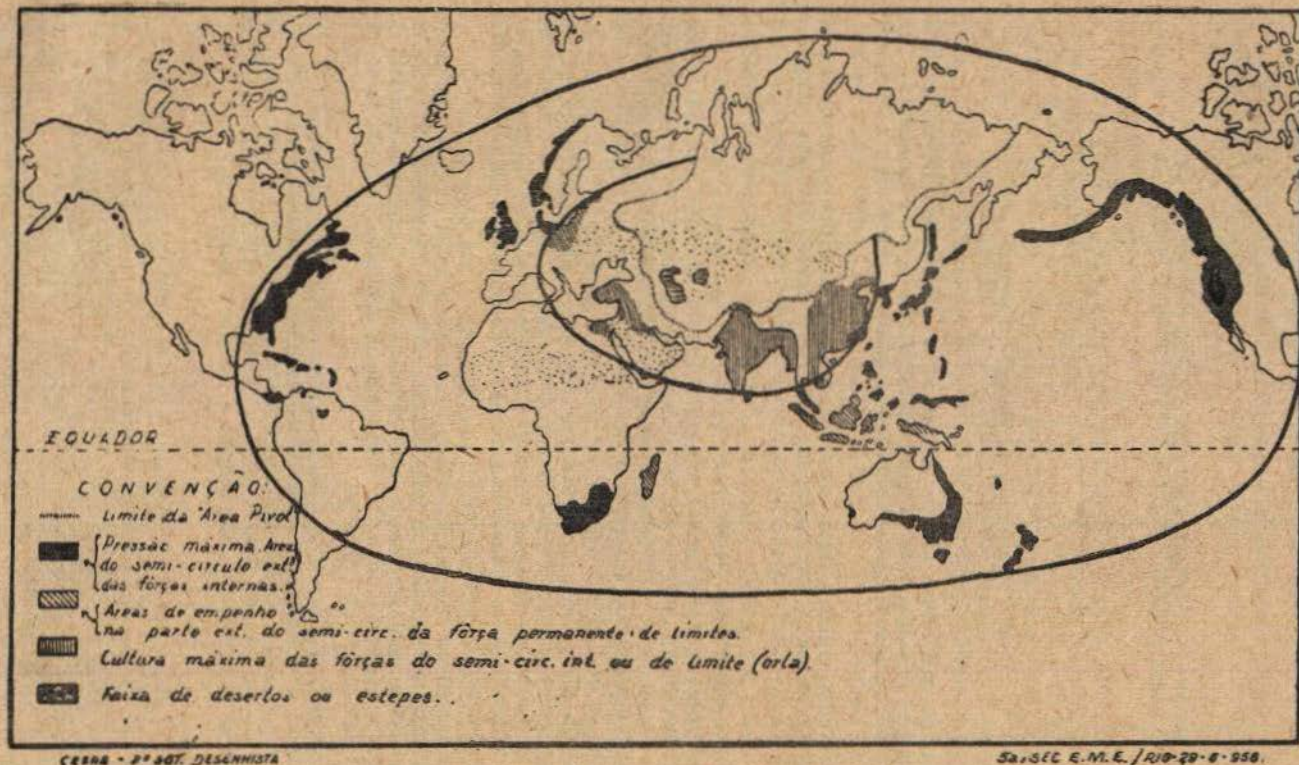
Do solo e dos oceanos o homem tirava o alimento, obtinha a proteção, realizava o deslocamento; nêles se processavam as atividades dos grupos nacionais. Aprendendo a voar, duas novas e importantes dimensões foram adicionadas às atividades dos indivíduos e grupos: altitude e tempo.

De Platão e Aristóteles — em citações transcritas por Everardo Backheuser, na "Geografia Geral e do Brasil", pág. 50 — a William Borden, a Joseph Roucek (1956), passando por Karl Ritter (1817), Ratzel (1844-1904) e outros, encontra-se a geopolítica citada na história humana, direta ou indiretamente.

Os escritores sobre geopolítica citam Karl Ritter como o primeiro a configurar um "indivíduo geográfico". Depois, Goethe (1827), a profetizar a abertura de canais, o do Panamá pelos norte-americanos, do Pacífico ao Atlântico, e o de Suez, que os ingleses encarregariam Ferdinand de Lesseps de construir.

Friedrick Ratzel — um sábio, criador da "Antropogeografia" — foi o primeiro a definir os princípios da geopolítica, mas em seu trabalho, embora determine as leis de crescimento dos estados — como veremos adiante — no jornal "Petermanns Mittheilungen" (1895) e no seu livro "Politische Geographie", não chegou a definir a geopolítica.

(*) O Brigadeiro-do-Ar Engenheiro JOÃO MENDES DA SILVA possui o Curso da Escola de Aviação, categorias "A" e "B", o de Ingénieur Civil d'Aéronautique da "Ecole Supérieure de l'Aéronautique" e o da Escola Superior de Guerra. Dentre as suas importantes comissões destacam-se: Instrutor da Escola de Aviação Militar e da Escola Militar; Comandante da Escola Técnica de Aviação; Chefe de Divisão da Diretoria de Ensino da Aeronáutica; Chefe de Divisão da Inspetoria-Geral do Estado-Maior da Aeronáutica; Chefe de Divisão de Assuntos Políticos da Escola Superior de Guerra; atualmente é Diretor do Curso de Informações da Escola Superior de Guerra. Autor de diversos artigos sobre Geopolítica, bem como de várias conferências técnicas publicadas pela imprensa especializada nacional e estrangeira. Recentemente tomou parte no 1º Congresso Mundial de Voo (EUA) como representante do Brasil.



O MUNDO SEGUNDO HAUSHOFER

Fig. 1

Foi o sueco Rudolph Kjellen (1864-1922) quem disse :

"Geopolítica é o estudo do Estado como organismo mundial, isto é, como fenômeno localizado em certo espaço da terra, logo do Estado como país, como território, como região ou, mais caracteristicamente, como Reich (Estado-Nação)."

Era natural que Kjellen assim definisse a geopolítica, pois, sendo professor, na Universidade de Upsala, da cadeira de Teoria do Estado, viu na *ingerência* da geografia um meio — real, aliás — de processar, à época, um ressurgimento dessa ciência, associando-as.

Outra definição é dada pelo General Mário Travassos :

"A geopolítica é o processo interpretativo dos fatos geográficos, em seus aspectos positivos e negativos, de cuja soma algébrica deve resultar um juízo da situação de um país, no momento considerado, não como um julgamento definitivo, fruto de uma predestinação de caráter determinista e, muito menos, de uma forma de sedução coletiva, visando a objetivos políticos nem sempre confessáveis."

Esta definição parece acomodar um maior volume de estudos que a de Kjellen ; ele não se limita à ação do Estado e dos reflexos que este sofre da geografia.

Derwent Whittlesey, em um capítulo sobre os geopolíticos, no livro de Edward Mead Earle "Makers of Modern Strategy", diz :

"A geopolítica é uma criação de militarismo e um instrumento de Guerra. Como o seu nome deixa antever, ela é ramo, ao mesmo tempo, da Geografia e da Ciência Política, gêmea da Geografia Política."

Todavia, nesse 1959, não nos parece que a Geopolítica seja apenas aquilo que geógrafos, políticos e militares tentaram definir em palavras cujo valor evoluiu com a ação dos Grupos Sociais : faz-se necessário incluir os progressos da ciência e da técnica que tanto afetam, modernamente, todas as relações entre aqueles Grupos.

Weigert nos ensina :

"Não existe, em absoluto, uma Ciência Geral da Geopolítica que possa ser aceita por todas as organizações estatais. Existem tantas geopolíticas quantos sistemas estatais em conflito, em luta sob condições geográficas as mais diversas."

Face às possibilidades da Ciência e da técnica na ação dos grupos sociais — no fundamento destes, o homem — e a importância da geografia, poderíamos talvez dizer :

"A geopolítica é a ciência que nos conduz ao estudo das relações especiais dos fatores político, geográfico e militar do Poder Nacional, influenciados pelos técnico e científico, e que vem a dar às Diretrizes Governamentais, internamente e no âmbito externo, os elementos que assegurem ao Estado-Nação sua sobrevivência — especialmente no que se refere à fixação do homem ao solo, espaço vital, pressão demográfica, emigração, imigração e migração — contribuindo para garantir uma Política Nacional vitoriosa."

2. AS ESCOLAS POSSIBILISTA E DETERMINISTA

A definição acima, que oferecemos à meditação dos estudiosos, parece conciliar as duas grandes escolas que, desde fins do século passado, vêm dividindo os estudiosos da geopolítica e mais uma terceira, moderna, que apresenta princípios muito ponderáveis.

Há uma "escola francesa" ou "possibilista", ou uma "escola alemã" ou 'determinista'. Todavia, Backheuser diz que há uma *escola antropogeográfica francesa* e uma *escola antropogeográfica alemã*, ou melhor ditó germânica. A última tem como base os princípios apresentados por Ratzel, isto é, a influência marcante dos fatores geográficos quer do espaço, quer da posição e situação características que são da localização, essência do fenômeno geográfico, isto é, a Geografia Humana nos seus aspectos social, econômico e político, o que vale dizer estratégico.

A escola antropogeográfica francesa aceita como bases o gênero de vida e a ocupação produtiva e improdutivo do solo. Essa escola não inclui a geografia política e, conseqüentemente, a estratégia, na Geografia Humana, e, modernamente, esta contém, inexoravelmente, aquela.

Essa escola é qualificada como "possibilista" porque a expressão da atividade é o resultado da iniciativa do homem, sua mobilidade, operando dentro do quadro das forças naturais. Ela vê as limitações impostas às ambições do homem, mas encarece o valor de sua ação continuada.

Os fatores primordiais da Geopolítica em ambas as escolas (francesa e alemã) são :

a) A localização do Estado, com referência a terras e mares, a fatores astronômicos, à sua acessibilidade central e marginal e a suas facilidades em termos de Poder Militar, quanto a bases, quartéis, apoio logístico e inexpugnabilidade.

b) Forma e Dimensão — Elas têm grande importância no âmbito internacional. Um Estado pode ter fronteiras curtas ou extensas e suas dimensões podem afetar muitas de suas decisões.

c) Clima — Indiscutivelmente a saúde do homem está na dependência do clima ; certos recursos naturais são por ele influenciados.

d) População — A população é, em nossa opinião, o fator mais importante, desde que a ele esteja associado um grau elevado de instrução e cultura, resultando em grande percentagem de pessoas capazes de criar e usufruir a ciência e a técnica.

e) Recursos naturais e capacidade industrial — Sem recursos naturais e sem capacidade industrial, nenhum Estado pode aspirar a grandes realizações.

f) Organização política e social — As instituições com o homem e a terra formam a base da própria vida ; neles repousam os objetivos permanentes do Estado-Nação.

g) Ciência e técnica, incluindo pesquisas, capazes de dar à nação um avanço em realizações materiais de toda sorte.

3. A ESCOLA DA GEOPOLÍTICA INTEGRALIZADA

Em nossa opinião, a geopolítica deve incluir mais que o estudo do homem e do território e as águas que o circundam ; urge levar-se em conta o ar por onde perigos, jamais sonhados, que seriam encaminhados por terras e águas, podem ferir rápida, avassaladora e implacavelmente qualquer Estado-Nação, do mais possante ao mais fraco.

Outrossim, tão grande é hoje a influência da ciência e da técnica na política dos povos que não se pode estudar a geopolítica sem que nela sejam incluídos, junto à Geografia e ao Grupo Nacional, os pro-

gressos científicos e tecnológicos. A vida das nações é facilmente aniquilável pelo poderio destruidor que hoje o homem controla. Na verdade, êsse perigo aproxima-se rapidamente de um vulto onde êle estará constituído em "espada de Damocles", sempre presente na vertical do coração de cada nação. Daí a necessidade de uma política nacional vitoriosa capaz de afastar essa ameaça constante.

Essas considerações conduzem ao início dos estudos de uma terceira escola, em que as relações homem-terra-ar são integralizadas para um estudo único. É a escola da *geopolítica integralizada* e que o Cel Golbery chamou de "Aeropolítica".

4. ESCOLA ANTROPOGEOGRÁFICA FRANCESA (POSSIBILISTA). SEUS ADEPTOS

4.1. P. Vidal de la Blache

P. Vidal de la Blache (1860-1918), no livro "Geographie Humaine", publicado por Emmanuel de Martaine, em 1921, de acordo com notas do professor, faz uma profunda análise das relações homem-geografia e dá inúmeros exemplos tirados de países os mais variados, penetrando-os profundamente, rebuscando-lhes a história (porque a geopolítica também se apóia na História), e inspira o exame, a dissecação, a classificação e a explicação de todos os fatos. Procura de la Blache ver o passado e o futuro; examina a pré-história de tempos idos e esquecidos, para nós. O professor vê o progresso das eras antigas, pois não se pode deixar de considerar o homem como o termo de uma evolução das espécies vivas. Ele explica os fenômenos os mais ordinários que formam a trama da vida: habitação e coabitação, meios de subsistência, transporte, migrações, etc., dando a impressão de um espírito contemplativo, que se colocou fora da humanidade para apreciar e julgar seus feitos.

Analisando o homem como fator geográfico, diz de la Blache que "a repartição dos homens foi guiada pela aproximação e a convergência das massas terrestres" e junta "as solidões oceânicas dividiram por muito tempo ecúmenes ignorantes uns dos outros"; mais ainda, "os grupos nacionais encontram entre si obstáculos físicos que só a muito custo conseguiram transpor montanhas, florestas, desertos, pântanos, rios, lagoas, etc., e finaliza dizendo:

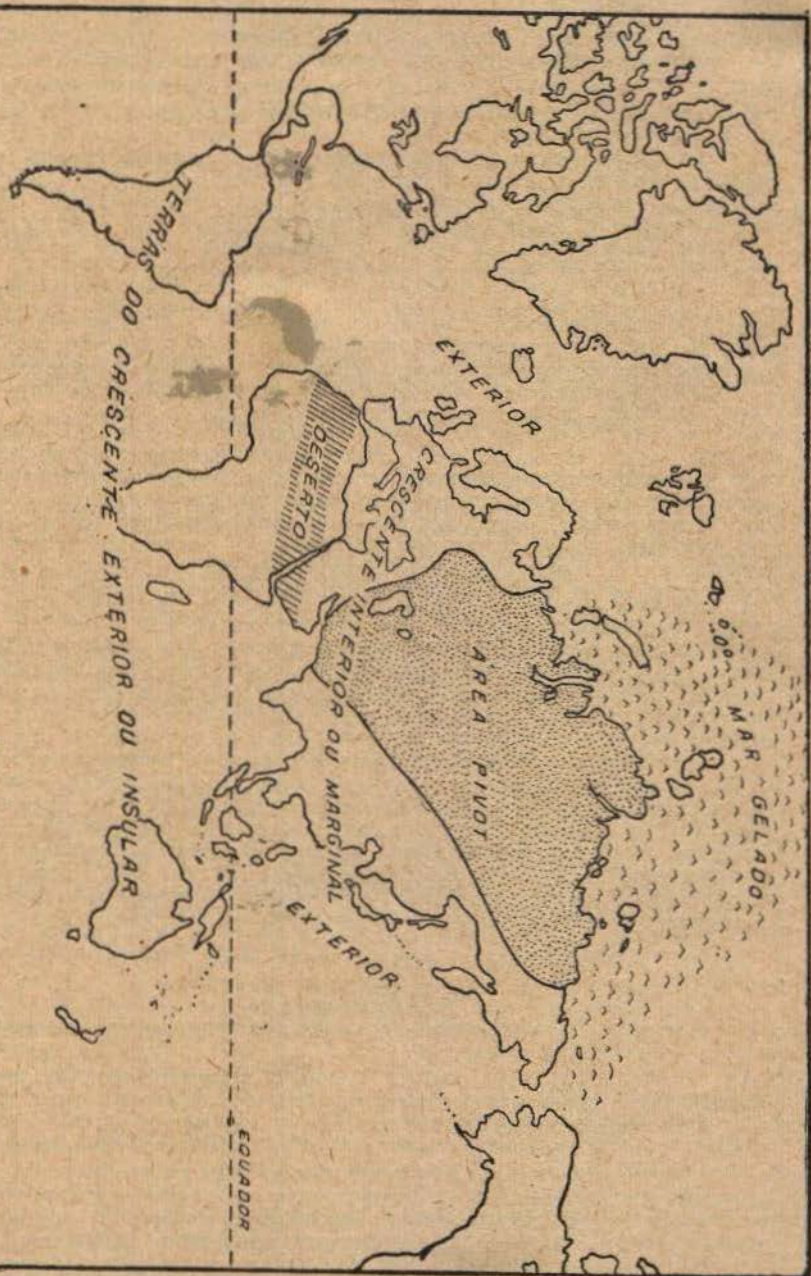
"A civilização resume-se na luta contra êsses obstáculos."

Hoje todas as partes da Terra estão em contacto: o isolamento é uma anomalia que parece um desafio e não se aplica a Grupos Nacionais vizinhos, mas aos que se encontram muito distanciados e para os quais os recursos da ciência e da técnica não provêem ainda os meios de ligação direta.

Por sua enorme cópia de trabalho o homem se tem agigantado, através dos séculos, com ousadia e decisão em seus empreendimentos, como um dos mais poderosos agentes na modificação da superfície terrestre; essa é a parte que êle desempenha na geografia. No último meio século, êle vem buscando desbravar os espaços siderais, partindo da superfície da terra e a ela ligando seus novos conhecimentos, integralizando solos e águas ao ar, um ambiente que poderá influir poderosamente na modificação da superfície terrestre, isto é, do papel que ela desempenha na atividade social.

Um geógrafo russo, M. Weeikerf (em 1901), disse que "estão sob a ação do homem os chamados "corpos móveis" — as águas correntes, as galerias, os ventos, as plantas por suas raízes, os animais, tudo o que seja suscetível de modificar-se e acolher formas novas: êle é sem ação sobre a carapaça calcárea na terra endurecida e esterilizada, sem o auxílio da ciência e da técnica".

O MUNDO SEGUNDO MACKINDER



A terra, ela é também viva, nos ensina la Blache : "a vida transforma-se ao passar de organismo em organismo ; circula por entre uma multidão de seres, aqui elaborando a substância que alimenta a uns, ali transportando os germes que podem destruir outras espécies, e assim prossegue".

Estudando a ação do homem sobre a terra, a geografia humana colima um duplo fim : o balanço das destruições das grandes espécies animais e o conhecimento mais íntimo das relações que unem o conjunto do mundo vivo, procura o meio de distinguir as transformações atualmente em curso e as que se podem prever.

Finalizando sua "introduction", de la Blache, com grande descortino, diz :

"A ação presente e futura do homem, modernamente, senhor das distâncias, armado com os progressos da ciência, ultrapassa de muito a ação dos seus antepassados. Felicitemos-nos que assim seja, pois a colonização que assistimos não seria possível se a natureza pudesse impor quadros rígidos, ao invés de dar margem às obras de transformação e de restauração que o homem pode realizar."

E para finalizar, sobre o trabalho de la Blache, lamentamos que ele não houvesse sobrevivido à época da aeronáutica, a fim de analisar, como fez com os meios de transporte de superfície, as profundas modificações que ela está trazendo às relações entre os Grupos Nacionais nos cinco campos das atividades de um Estado-Nação.

4.2. Jean Brunhes

O trabalho de Brunhes, um geógrafo francês, é menos poderoso, do ponto-de-vista de geopolítica, que o de la Blache, mas é igualmente rico em Geografia Humana. Ele classifica os fatos essenciais da Geografia Humana em três aspectos :

- da ocupação improdutiva do solo (casas e estradas);
- da conquista vegetal e animal (cultivo de plantas e criação de animais);
- da exploração destrutiva (devastação de plantas, matança de animais e exploração mineral).

Brunhes centralizou seu interesse nos fatos da ocupação da terra pelo homem, independentemente da preocupação de mostrar qual dos dois exerce influência sobre as condições locais. Ele estabelece um elo de união entre o homem e a terra, e pesquisa a aproximação entre os fatos físicos e os destinos humanos.

Os elementos geográficos do meio ambiente são fixados apenas pelo sentido restrito e especial do vocábulo. Desde o momento em que eles são associados ao grupamento humano, sofrem alterações próprias da humanidade.

Os fatores terrestres condicionam, mas não determinam a forma e a natureza da sociedade humana em desenvolvimento. Novos fatores terrestres são continuamente descobertos, e os velhos fatores dão nova significação aos conhecimentos existentes sobre o desenvolvimento da ação e pensamento humanos. Há uma reciprocidade nas relações.

Essas possibilidades não são em número ilimitado e as influências naturais manifestam-se para restringi-lo.

E Brunhes diz :

"O poder e os meios que o homem tem à sua disposição são limitados ; ele encontra na natureza delimitações insuperáveis. A atividade humana pode, dentro de certos limites,

variar sua ação e seus movimentos, mas não pode fugir às condições do meio; tem possibilidade freqüente de modificá-las, mas não de suprimi-las e há sempre o seu condicionamento."

Os limites fixados pela natureza para ação do homem variam de lugar para lugar e de um período histórico para outro. O homem defende-se como pode, mas, por mais habilidade que tenha, nunca poderá libertar-se completamente da natureza."

Diz-se mesmo, entre os possibilistas :

"Há uma espécie de contrato rigoroso, em termos draconianos, em que as relações do homem com o globo estão explícitas de maneira bem clara."

Quanto à História, Brunhes vê a história da humanidade profundamente arraigada às coisas materiais do mundo, mas não acredita que toda a história possa ser explicada pela geografia, e afirma :

"A História evolui na superfície da terra, mas é determinada por fatores complexos que afastam para muito longe as condições geográficas elementares."

4.3. *Isahiah Bowman*

Isahiah Bowman pertence à escola possibilista no ramo norte-americano. Ele tem muita profundidade em suas observações.

Sobre as condições físicas, por exemplo, ele diz :

"Embora as leis físicas, a que está sujeita a natureza humana, sejam variáveis em suas aplicações e na intensidade de seus efeitos, é também verdadeiro que todos os homens, em todas as partes do mundo, são afetados, de certo modo, pelas condições físicas.

A séca de 1930, nos EE.UU., deu acentuado relêvo ao fato de que é apenas nas regiões de ótimas condições climáticas que o homem pode dizer: — "Estou livre dessas condições extremas que exercem efeitos mais continuados sobre o homem, em qualquer parte". Muito limitadas são as áreas em que prevalecem tais condições ótimas, resultando relações culturais profundas de contraste entre as regiões bem favorecidas e as mal favorecidas."

É, entretanto, sobre o papel da terra e do homem e das relações recíprocas de ambos, como fatores da Geografia Humana, que ele se detém, dizendo :

"Poderia ser demonstrado que nunca uma civilização declinou por estarem exauridas as possibilidades da terra. Nenhuma nação jamais desenvolveu plenamente sua base física. A terra nunca recuou ante o homem, mas esse tem-se achado enredado nos efeitos imprevisíveis de seu próprio sistema. O que realmente acontece é que o conhecimento humano, em cada momento da civilização, não é suficiente para o contrôlê das forças da natureza."

Essas são as bases fundamentais dos estudos da escola antropogeográfica francesa, a chamada possibilista.

Podem ser examinados outros estudiosos pertencentes a essa escola, e suas pesquisas, observações, meditações e seus escritos conduzem sempre a um estudo da Geografia Humana, por vezes avançando um pouco na outra parte da geopolítica, como definimos.

Os trabalhos de Demangenn* (A Planície da Picardia), de Blanchard (Flandres), de Vacher (Berry), de Gallois (Regiões naturais e denomi-

nação das regiões), de Miss Semple, de Whittlesey, de Jorge Renner e de Vallaux são todos da Geografia Humana.

Esses trabalhos não chegam a examinar a verdadeira geopolítica, pois que não há as diretrizes que caracterizam a política e nem a estratégia que é empregada pela política do Estado-Nação para que sejam atingidos os Objetivos Nacionais Atuais.

5. ESCOLA ANTROPOGEOGRÁFICA ALEMÃ OU ESCOLA DETERMINISTA

Nessa escola, a Geografia Humana é examinada sob outros aspectos. A tese do determinismo puro, sem quaisquer condições com o possibilismo, é difícil de defender. O exame dos trabalhos do homem na face da terra revela muitos fatos para os quais as forças do meio, sòzinhas, não podem dar explicação satisfatória. Ambientes semelhantes nem sempre condicionam as mesmas reações.

Essa é a razão por que o meio indubitavelmente influencia o homem e este, por sua vez, modifica o ambiente que o circunda, sendo a interação tão complexa que é difícil precisar quando cessa uma influência e quando começa a outra.

O homem não é um autômato sem determinação ou vontade própria. A liberdade é concedida ao homem em uma proporção que aumenta em cada avanço da ciência e da técnica (possibilismo), embora tal liberdade seja de certo modo engenhosamente dominada pela natureza (determinismo).

Como o progresso da civilização implica numa crescente exploração de circunstâncias naturais favoráveis e no desenvolvimento de íntimas relações entre a terra e a gente que a utiliza (possibilismo), só aparentemente pode o homem pensar em emancipar-se do contróle das imposições da natureza, estabelecendo, ao mesmo tempo, os fundamentos e as condições de suas atividades (determinismo).

A escola puramente determinista começa em Friederick Ratzel, precursor, embora ele não fôsse um geopolítico.

Ela insiste em dizer: "o homem não é um agente livre". Mas, muito poucos defendem essa tese, hoje em dia.

5.1. Friederick Ratzel (1844-1904)

O professor Ratzel, da Universidade de Dantzig, constituiu, como pedra angular de sua Antropogeografia, a concepção de que a *Geografia Integral* é, na verdade, o ponto alto dos estudos geográficos. A idéia dominante no progresso da geografia é a de unidade terrestre. Ele concebe o mundo como um todo, cujas partes são coordenadas, no qual os fenômenos se sucedem numa seqüência definida e obedecem a leis gerais, nas quais cada caso particular estava relacionado no domínio dos matemáticos.

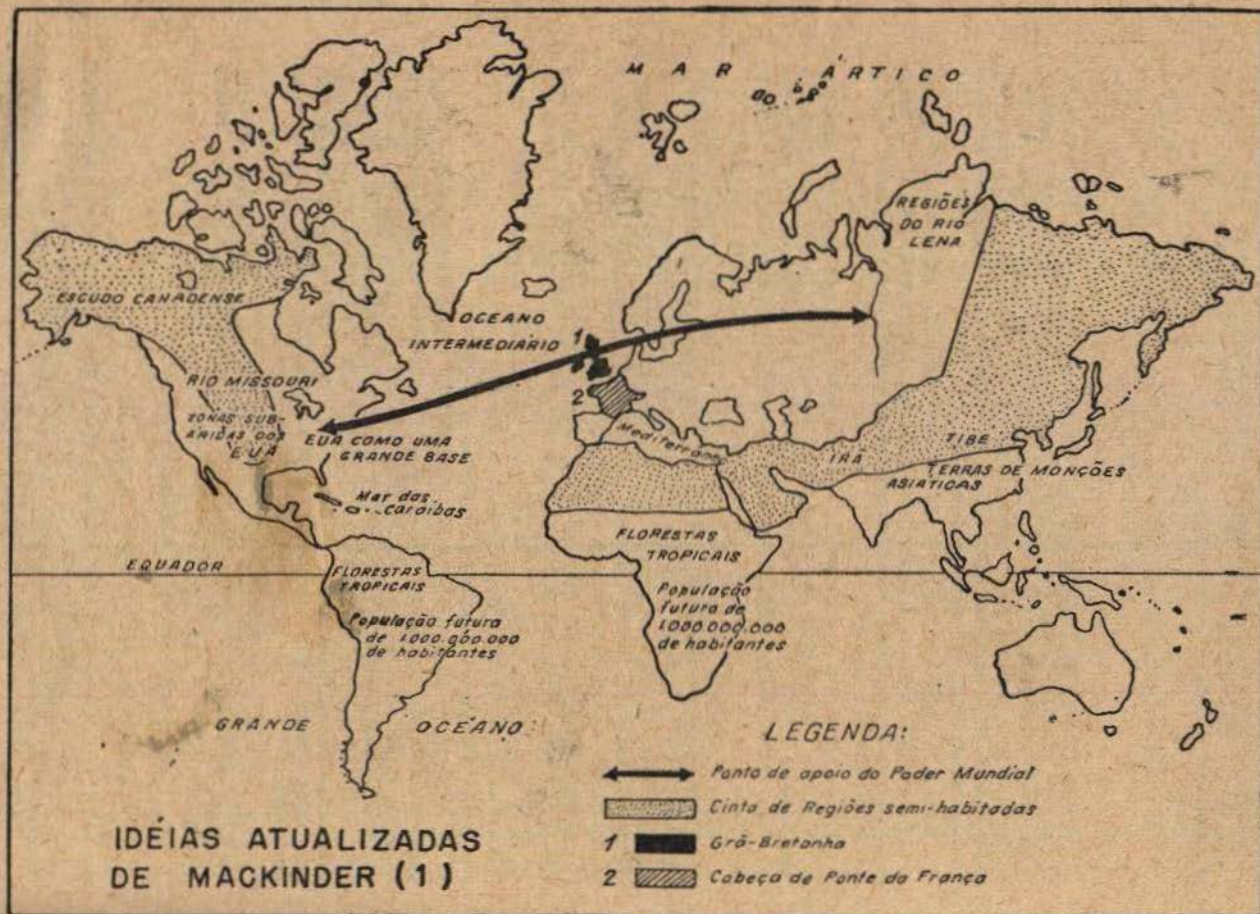
Na sua obra "Geografia Política", Ratzel faz a geografia penetrar na noção do Estado — do Estado-Nação. Ela passou a influir na Ciência do Estado e esta é sua definição de Estado:

"um pedaço de terra organizada."

No prefácio de seu trabalho, Ratzel diz:

"Chega-se à conclusão de que o que resta a fazer para trazer toda a geografia política a um alto prestígio consiste em realizar pesquisas comparadas das relações entre o estado e o solo."

Para Ratzel, o Estado é, primordialmente, função do solo. O Estado era, para ele, um organismo. É sobre ele, no "espaço político" ou "território" (e poder-se-ia acrescentar, hoje em dia, espaço vertical), que



o homem exerce suas atividades, as quais, quando fortes, podem propiciar o crescimento e, quando fracas, facilitam a extinção do mesmo.

No conceito de Ratzel, crescimento de Estado é aumento de base física; hoje, as concepções variam um pouco, como veremos mais adiante.

Os estudos sobre a formação e o desaparecimento dos estados levaram Ratzel à formulação das *leis de crescimento de estado* e que são:

1ª — "O espaço dos estados deve crescer com a cultura".

2ª — "O crescimento do Estado-Nação segue a outras manifestações de crescimento do povo e deve necessariamente preceder o crescimento do Estado."

3ª — "O crescimento do Estado manifesta-se pela adição de outros estados, no processo de amalgamação."

4ª — "A fronteira é o órgão periférico do Estado."

5ª — "Em seu crescimento, o Estado luta pela absorção de seções politicamente importantes."

6ª — "O primeiro ímpeto para o crescimento territorial vem de outra civilização superior."

7ª — "A tendência geral para a anexação territorial e amalgamação transmite o movimento de Estado a Estado e aumenta sua intensidade."

Essas leis foram deduzidas da evolução da situação mundial, naturalmente, desde Felipe da Macedônia, e, em particular na Alemanha, desde Bismark.

Sempre o mesmo processo de crescimento: um Estado forte avança e procura amalgamar outros povos, embora de hábitos, costumes, língua, religião e de espírito de nacionalidade às vezes totalmente diversos.

Outrossim, essas leis eram função das armas de que dispunham os homens para emprego estratégico em sua luta pelo "aumento espacial".

Essas leis são claras e far-se-á necessário muita meditação e estudo para modificá-las.

Essas leis consubstanciam a concepção fundamental dos estudos de Ratzel que, sem ser um geopolítico, lançou as bases da geopolítica.

Tais concepções são:

- Há semelhança entre as estruturas biológicas e políticas de um lado e os organismos biológicos, de outro.
- A conceituação de "espaço" ocupado pelos grupos políticos, posteriormente apresentada como "espaço vital".

5.2. Rudolph Kjellen

Rudolph Kjellen, sueco, foi professor de Teoria de Estado na Universidade de Upsala. Procurando projetar a cátedra de que era muito estudioso e aceitando que o Estado exerce, na realidade, funções inexistentes até então e dependentes de conjuntura (nacional e internacional), escreveu quatro obras que se completam e devem ser consideradas como as bases do seu Sistema.

Ele era um arrojado e fez côro com Ratzel na nova concepção da Teoria do Estado.

Seus estudos o levaram a várias conclusões sobre a ação do Estado:

- O Poder Público apareceu para forçar o restabelecimento da ordem preestabelecida para proteger e garantir o cidadão.
- O Estado atua diretamente sobre o indivíduo.
- O Estado é um realizador.
- O Estado toma a si iniciativas de cultura política, de previdência social e de gerência de empresas mistas.

Dessas conclusões, os estudos de Kjellen levam ao Estado-Nação, com governo, área, forma, fronteiras, povo. E aí penetra a geografia e daí a definição :

“O Estado é um pedaço de humanidade e um pedaço de terra organizada.”

Lembra Kjellen que Ratzel, no prefácio de sua “Geografia Política” dá ensejo à Teoria do Estado de imiscuir-se na Geografia Política.

“Os Estados, valendo-se das próprias forças, com o favor de determinadas circunstâncias, estão em permanente concorrência entre si, lutando pela existência, evidenciando, de certo modo, a seleção natural. Eles nascem e crescem ; fenecem e morrem. São formas de vida. O Estado é um organismo vivo.”

A classificação de subdivisão de Teoria do Estado dada por Kjellen é a seguinte :

— *Geopolítica* — não geografia humana e geografia física, mas só e exclusivamente o território como organismo político, isto é, o Reich.

— *Cratopolítica* — política de forma de governo.

— *Etnopolítica* ou *Demopolítica* — estudo da massa humana politicamente organizada.

— *Ecopolítica* — a vida da nação em trabalho.

— *Sociopolítica* — estudo do Estado como sociedade.

A *Geopolítica*, ele a divide em :

— *Topopolítica*, política oriunda da situação geográfica.

— *Morfopolítica*, isto é, política do espaço territorial ocupada pelo país.

— *Fisiopolítica*, política do que o território encerra em riquezas naturais exploráveis.

Kjellen acompanhou a corrente antropogeográfica ratzeliana buscando nas noções de “espaço” e “situação” a base da Política, no que concerne ao Estado-Nação.

Não temos dúvidas em aceitar na figura de Kjellen o maior *geopolítico* da história até 1945. Ele foi o inventor de vocábulo *geopolítica*, a que deu uma definição dentro da ciência política e foi também — o que Ratzel não havia podido ser, devido, provavelmente, ao fato de ter sido um precursor e, normalmente, os precursores não têm ainda assentadas tôdas as bases sobre as quais se apoiará o monumento a ser erigido — o orientador seguro e firme desse novo ramo do saber : suas obras são monumentais !

Em nossa opinião, os geopolíticos da escola francesa não eram realmente geopolíticos : eram mestres de Geografia Humana ; não provaram eles as relações entre o território e a política, mas estudaram as interações entre o solo e o homem.

Geopolíticos foram Ratzel e Kjellen — e seus adeptos, entre eles : Haushofer, Otto Maull, Erich Obst, H. Lantensach, W. Siewert, I. Marz e outros.

Assim, os estudiosos desse grupo, que seguiu a orientação de Ratzel e Kjellen, passaram em nossa opinião de *geopolíticos* a *geoestrategistas*, usando a terminologia em nossos dias. Na realidade, eles buscaram na união terra (ou água)-Estado-homem uma força para realizar os objetivos nacionais do Estado-Nação, isto é, para aplicar a estratégia. Note-se que o mais ardente defensor dessa nova ciência foi um general alemão, Haushofer.

Aliás, essa concepção geoestrategista vem aos *geopolíticos* de nossos dias, Fifield, Percy, Spykman, Joseph Roucek e William Borden.

Derwent Whittlesey diz :

"A Alemanha foi a primeira nação a compreender o valor da estratégia política como auxiliar da guerra e a reconhecer que ela tinha suas raízes na geografia. A geopolítica teve como finalidade pôr a geografia a serviço de uma Alemanha militarizada."

Veremos, posteriormente, como 13 anos após a guerra contra a Alemanha novas concepções surgem, frutos da ciência e da técnica, pondo à margem, para certas diretrizes políticas, uma grande dependência da geografia.

Examinemos o mais típico desses geopolíticos da antopogeografia alemã — escola determinista e que é mais geoestrategista que geopolítica.

5.3. General-de-Divisão Karl Haushofer

O Gen Haushofer nasceu em Munique e cedo abraçou a carreira das armas, na qual conheceu toda a Europa e Ásia. Foi oficial de Artilharia. Era considerado um militar exemplar e fez estudos sobre o Exército Imperial Japonês. Ao voltar à Alemanha, em 1910, retornou à Escola de Estado-Maior, onde lecionava. Publicou nessa época um livro sobre o Japão e um outro sobre "Geografia, Geologia e História". No primeiro, Haushofer começa seu estudo científico da geografia japonesa com uma citação de Heráclito :

"A guerra é mãe de todas as coisas."

Após a I Grande Guerra, o exército alemão foi reduzido a pouco, mais de uma força de polícia. Haushofer, então General-de-Brigada, retornou da frente para retirar-se do serviço ativo.

Na realidade — e como é sabido — o Estado-Maior Alemão continuou a funcionar sob a chefia do General Von Seeckt, cujos associados eram muito numerosos e entre eles se encontrava Oskar Von Nierdermeyer, amigo de Haushofer. Assim, os dois amigos passaram a trabalhar juntos e com muita intensidade, pois novos estudos faziam-se necessários, de natureza geográfica, tática e estratégica, em virtude da contribuição da ciência e da técnica à arte militar.

Haushofer voltou à sua cidade natal, associando-se a um grupo de geógrafos, cientistas e publicistas políticos, para a fundação da Geopolítica. No fim de uma década, muitos desses colaboradores haviam sido substituídos por jovens que adotavam integralmente, sem qualquer discussão, as idéias do general.

Esse grupo escreveu obras, imprimiu jornais e procurou difundir os seguintes conceitos :

1º) *Autarquia* — Ideal de auto-suficiência nacional no sentido econômico. Com a autarcia visava-se à preparação para a guerra : "Canhões em vez de manteiga".

2º) *Espaço Vital* — Direito de uma nação a ampliar o espaço para a sua população. Além da simples área, o "Liebensraum" leva em conta todos os recursos naturais e humanos a serem encontrados em qualquer área reivindicada por um Estado, como seu justo espaço vital.

3) *Pan-Regiões*

As Pan-Regiões exprimem as aspirações territoriais dos geopolíticos germânicos — grandiosas aliás — e em substituição ao ideal do domínio mundial autárquico. Cada uma delas combina latitudes médias e baixas, provindo uma diversidade de produtos e de recursos minerais.

Três são as Pan-Regiões propostas por Haushofer :

1ª) *A Pan-América*, que é o Hemisfério Ocidental, por si mesma separada dos outros continentes por vastos oceanos. Os Estados Unidos

são o país "controlador". Os geopolíticos alemães sempre se confessaram admiradores da Doutrina de Monroe e a idéia nela contida era a da Pan-Região.

2ª) A *Eurásia*, região que compreende quase toda a Europa, a África e o Oriente Médio. Essa Pan-Região seria para ficar sob o controle da Alemanha. Não foram incluídas a Inglaterra e a Rússia pois isso criaria embaraços.

Uma solução para o problema da União Soviética era que fôsse estabelecida uma pan-área juntamente com a Índia. Tal área não teria terras na latitude sul, o que complicava um pouco os teóricos. Outra solução, a que mais agradava a Haushofer, era que a Alemanha tomasse a si a responsabilidade da Rússia e entregasse a Índia ao Japão.

3ª) A Pan-Ásia, que compreende o leste do continente asiático, a Austrália e as ilhas adjacentes. O Japão seria o país controlador. O Japão foi o único país, fora da Alemanha, onde os geógrafos aderiram rapidamente à geopolítica e à geoestratégia. A influência pessoal de Haushofer nesse país parece ter aberto os olhos dos seus dirigentes para a aplicação da geopolítica de que infelizmente — ou felizmente — não souberam fazer o uso conveniente.

Esse mapa (Fig. 1) é uma cópia do existente no famoso Instituto de Geopolítica de Munique.

O objetivo dessas Pan-Regiões era obtenção, pela Alemanha, do espaço-vital, à força das armas.

Naquele Instituto preconizava-se :

"Geopolítica é a doutrina do poder do Estado-Nação na terra". "Geopolítica é o fundamento científico da arte da ação política, na luta de sobrevivência do estado, para "Liebensraum". E sobre os trabalhos em Munique, Fifiield conclui :

"Evidentemente a escola alemã de geopolítica conduzia à Guerra."

Naquela escola não se aceitava a geopolítica como a ciência do estudo do aspecto geográfico das relações internacionais : não assume ela determinados aspectos que hoje se fundem com os de outras escolas, como as de White, Reumer e Van Alkernburg — que objetivavam o estudo dos ajuntamentos político-geográficos dos grupos sociais ao meio natural, com interpretação das relações internacionais. Defendia Haushofer uma união da Rússia com a Alemanha para a dominação do mundo (Fig. 1).

É a geopolítica de Haushofer a única a incluir o estudo da estratégia nacional e da estratégia militar, embora os geopolíticos da outra escola examinem, como não poderiam deixar de fazer, o problema das áreas.

Não cabe, neste artigo, estudar em detalhes os trabalhos do Instituto de Munique, mas, nos dias que correm, eles continuam assumindo forma e vigor. Hoje, alguns estados já são superestados e sua força quase chega ao inconcebível. Todavia, não há o eixo Berlim-Moscou como houve o eixo Berlim-Roma, de triste memória.

Passemos, agora, ao apologista do PODER TERRESTRE :

5.4. Sir Halford Mac Kinder (1861-1946)

Mac Kinder era um geógrafo britânico, professor da Universidade de Oxford, em Londres, homem de muito saber e que ocupou cargos muito importantes na Inglaterra. Examinando o mapa-mundi e observando que 75 % da parte do território do globo são constituídos pela Europa, Ásia e África, e nêles vivem mais de 9/10 da população mundial, concebeu e tornou pública no livro "The Geographical Pivot of History" a idéia da "ilha do mundo", que considerou a área-pivô e, dentro dessa "ilha", o coração do mundo", a Eurásia (Fig. 2).

Mac Kinder, em 1904, interpretava a história como conflitos entre "Forças Terrestres" e "Forças Navais" e mostrava-se particularmente interessado nas condições em que umas tinham supremacia sobre as outras. Pondo em dúvida a superioridade das forças navais, ele preconizava que o poder naval estava a ponto de ceder a supremacia ao terrestre.

Considerando inexpugnável e auto-suficiente a "ilha do mundo", ele preconizava:

"Quem domina a Europa Oriental comanda o coração do mundo.

Quem domina o coração do mundo comanda a ilha do mundo.

Quem comanda a ilha do mundo domina o mundo."

Assim escrevia naquela época o ilustre geógrafo, porque, utilizando somente o raciocínio da população, o centro de gravidade geográfica do mundo deveria ser aquela região.

O que nos admira é que em 1943 houvesse Mac Kinder confirmado seus trabalhos, estendendo o seu fulcro de poder do Janessee até o Mississipi, e abandonando, de um lado, a parte oriental da Ásia e, do outro, a parte ocidental da América, aliás, já fora de importância. O mais incompreensível é que esse fulcro de poder deixasse de lado outros pontos de poder do mundo (Fig. 3).

Os trabalhos de Mac Kinder tiveram repercussão à época da publicação e mesmo depois, mas, até hoje — a despeito do formidável progresso científico e técnico dos russos, havendo já posto dois satélites artificiais e testado várias bombas nucleares — não conseguiu a Eurásia, coração do mundo, dominar o mundo e nem nunca o fará.

O "coração do mundo" é isolado dos oceanos; em sua maior extensão, os rios dessa região ou correm para o Oceano Ártico ou se perdem em mares e salinas interiores. Bordando o coração do mundo a oeste, sul e leste fica um crescente de terras marginais com acesso aos oceanos. Todas são, de certo modo, marítimas e separadas entre si por montanhas, desertos e mares. Além desse crescente, o oceano mundial é interrompido por um crescente de ilhas continentais: as Américas, a África e a Austrália.

Basicamente, o "coração do mundo" fundamenta-se na inviolabilidade do poder terrestre.

Mac Kinder viu que, no conflito entre as nações que controlavam o mar e as que dominavam o solo na luta pelo poder, certamente venceriam as que dominassem o solo, fonte de todos os recursos.

Analisemos, agora, o apologistas do PODER MARÍTIMO:

5.5 *Alte Alfred Thayer Mahan (1840-1914)*

O Alte Mahan foi o primeiro geopolítico, ou, melhor, geoestrategista, a estabelecer a ligação do Poder Marítimo com a Política Nacional. Ele pedia constantemente ao Governo norte-americano para cooperar com a Inglaterra nos fundamentos do estabelecimento de uma política baseada nos princípios do Poder Marítimo. Publicou, em 1890, um livro denominado "Influence of Sea Power upon History".

Alegando que a dominação dos mares havia permitido o curso livre das comunicações marítimas e determinando o resultado de todas as guerras dos 17º ao 19º séculos, o Alte Mahan considerava o poder marítimo intrinsecamente superior ao poder terrestre (Fig. 4) (Figura do mundo em Mercator).

As teorias de Mahan tiveram influência na formulação da política norte-americana e deixaram indeléveis marcas na mesma.

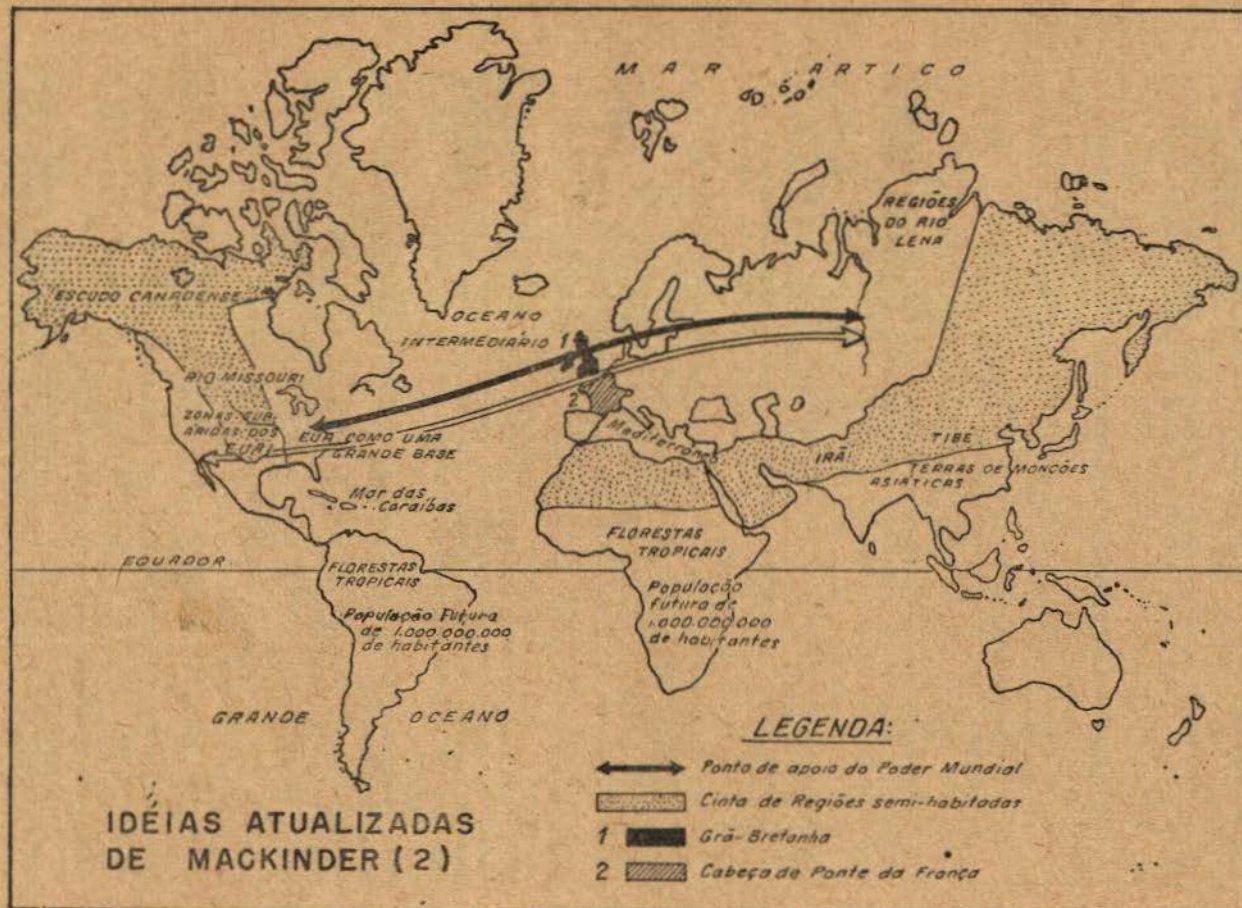


Fig. 4

Fazia-se necessário, no entender de Mahan, reforçar o Poder Marítimo norte-americano, ajuntando-o ao poder marítimo inglês, a fim de evitar que, conforme a opinião de Haushofer, a Inglaterra viesse a ficar com as linhas vitais do império completamente interrompidas.

Mahan tinha um dogma: "a doutrina da concentração do poder", de poder marítimo, aliás.

A doutrina de Mahan foi aceita quase sem crítica, à época, e só nos nossos dias é ela posta nos termos exatos, quando o Poder Marítimo ocupa seu lugar ao lado do Poder Terrestre e do Poder Aéreo.

6. A ESCOLA DA GEOPOLÍTICA INTEGRALIZADA

Há uma terceira escola em que o possibilismo age, mas, não raro, em função de um determinismo.

Outrossim, todos os fatores são considerados e não somente a parte humana em uma escola e a parte estratégica na outra.

Iniciemos pelo apologista da Ciência e da Técnica.

6.1 *Nicholas John Spykman*

Spykman, na "Geography of the Peace", emprega a geopolítica como método de análise e diz mais ou menos o seguinte: "Dada uma situação geográfica particular, qual a melhor política a ser seguida a fim de ser obtida a Segurança Nacional?"

Isso dá a entender claramente que, para ele, o vocábulo geopolítico pode ser usado para exprimir a parte do planejamento da segurança nacional de um país em face de seu fator geográfico; e rematava:

"Seria possível, então, considerar os problemas da segurança nacional de um país quanto ao fator geográfico, de tal maneira que as conclusões possam ser de utilidade para a formulação das diretrizes nacionais."

Segundo Spykman, a geopolítica estuda áreas determinadas definidas:

- de um lado, pela geografia;
- de outro lado, pelas alterações dinâmicas do poder.

Afetam as conclusões:

- as condições mutáveis, no mundo político, isto é, a opinião pública, a mudança do governo, as alianças, as contra-alianças, etc.;
- as condições tecnológicas, isto é, o progresso na rapidez das comunicações, a evolução na ciência, o desenvolvimento na indústria, etc.

Assim, não há que fugir de um entrosamento completo entre o homem, o território e os recursos naturais.

Examinemos, agora, os apologistas do PODER AÉREO E DA CIÊNCIA MODERNA:

6.2. *Joseph Roucek*

O Prof. Roucek é um dos adeptos da influência do Poder Aéreo na geopolítica, assim como Mac Kinder e Mahan o foram, respectivamente, do Poder Terrestre e do Marítimo.

Considerando-se a geopolítica influenciada pelos poderes político e militar, ela está agora integralizada, pois que, na concepção anterior, faltava analisar-se a influência do Poder Aéreo.

O Dr. Joseph S. Roucek, da "University of Brigdeport", publicou recentemente um trabalho sob o título "Geopolitics and Air Power". O trabalho é uma inspiração para algumas considerações a propósito da

renovação dos princípios políticos estabelecidos há séculos atrás, pois, além das duas formidáveis forças armadas existentes, daquela época até agora — as terrestres e as navais — as quais, desde os primeiros fazendeiros da Arábia, há 8.000 anos atrás, vinham sendo empregadas pelo homem na sua ânsia de dominação — uma terceira apareceu nos meados do século XX, capaz de participar na alteração do rumo dos acontecimentos : a Força Aérea.

Diz o Dr. Roucek :

"Hoje em dia as guerras não são utilizadas por motivos sentimentais. O ponto de decisão para adotar atitude ofensiva ou defensiva é determinado pela geopolítica.

De quando em quando aparece uma arma ou um sistema de armas capaz de influir nessa decisão ; normalmente, êle muda, o "convencionalismo" da guerra anterior, e uma nova estratégia tem de ser adotada.

Em nosso século é o avião militar essa arma ; sua autonomia global e suas velocidades supersônicas com bombas 3 F elevou-o a um ponto de poder que abalança as nações antes de darem o "salto no vazio". É êle que tem detido a mão agressora da Rússia.

Na geopolítica mundial, ou geoestratégica mundial, se preferirem, duas influências dominavam, em função das forças que se defrontavam no mundo : as forças terrestres e as forças navais.

Somente na I Grande Guerra é que os EE.UU. estiveram presentes, como grande potência, em uma guerra na Europa. Até então, as lutas naquele continente e no asiático eram travadas sem a menor participação das Américas, empenhadas em lutas de independência ou de incorporação de territórios.

É necessário assinalar, todavia, que somente na I Grande Guerra é que se pôde chegar a conclusões definitivas sobre os aspectos "globais" geopolíticos das relações internacionais.

Os expoentes da geopolítica, como vimos, põem ênfase em que as relações internacionais e internas são controladas pela geografia, nada tendo a ver com as mesmas as ideologias, as idéias e os conceitos morais.

Mas essas são importantes na política e agem como fator de dominação, e haja visto o aumento de território russo, que foi de 1.140.000 de quilômetros quadrados. A Rússia tem uma população de 220.000.000 habitantes na Europa, além de controlar 460.000.000 na Ásia, numa área de 11.500.000 quilômetros quadrados.

Hoje, a Rússia, através da solapação, da rapinagem e da traição, domina toda a Europa Central e Leste, isto é, o eixo transversal eurasiático, que constitui o "coração do mundo", na concepção de Mac Kinder : do Volga ao Yantze, do Himalaia ao Oceano Ártico.

A posição russa representa uma grande aglomeração de territórios contínuos sob um só governo e com uma relativa invencibilidade por ataques vindos dos mares.

Todavia, não será ainda a Rússia que executará o terceiro preceito de Mac Kinder, pois o conceito de geopolítica já está sendo modificado pela introdução do poder aéreo.

A criação do Poder Aéreo é o fenômeno mais importante ocorrido nos últimos 25 anos. A utilização de aeronaves como elemento de poder militar e do potencial nacional de uma nação tem tremenda divulgação entre todos os povos e tende a aumentar ; a técnica e a indústria melhoram dia a dia as performances e o poder de destruição dos engenhos aéreos, encurtando distâncias, aproximando os horizontes e abatendo o inimigo mais alto, mais rápido e mais longe.

Ontem, em Mach 0,2, movimentavam-se as aeronaves somente com bom tempo e em pequenos pulos ; um voo de 5.000 km era uma aven-

tura. O tempo era contado em horas. O Serviço Postal Aéreo era lento — comparado com os padrões de hoje — e o bombardeio possível quando se via o objetivo: teto de serviços: três a cinco mil metros. Pêso máximo dos aviões: 15 toneladas.

Hoje, estamos perto de Mach 3; o tempo é contado em minutos; bombardeia-se e faz-se a interceptação sem se ver os objetivos. Pousa-se e decola-se com teto zero. A travessia dos grandes oceanos é rotina. Teto de serviço: o tópo da troposfera. Pêso atual máximo dos aviões: 15Q toneladas.

Não obstante, estamos apenas na segunda raia do espectro da velocidade, que vai de zero a 885.000 Mach, velocidade da luz.

A que velocidade nos levarão os motores atômicos? Certamente pequena na troposfera e na estratosfera, mas imensa na ionosfera.

E o que acontecerá ao "Coração do Mundo" — e a qualquer outra parte da terra — quando exposto ao bombardeio de um "satélite" da terra a 2.000 km de distância desta última?

Olhe-se o mapa argumental centrado no pólo norte e veja-se a influência que deve exercer o Poder Aéreo (Fig. 5).

O Poder Aéreo tem certas vantagens sobre o terrestre e o marítimo, a despeito da indispensabilidade destes, destacando-se a liberdade de movimento das aeronaves sobre terras e águas, cidades e vilarejos, desertos e árticos. Do ponto-de-vista militar, o fim principal da ação do poder aéreo é o de dominar o espaço aéreo sobre o inimigo e permitir o seu uso ao talante do dominador.

Todos reconhecem que o tremendo desenvolvimento do Poder Aéreo modificou o conceito tradicional do Poder Nacional. O emprêgo de Grupos Aerotáticos de cooperação com o Exército e a Armada modificou as condições sob as quais se exerce o controle do espaço terra-mar. A proteção contra as aeronaves inimigas e o apoio aéreo nas operações combinadas tornaram-se fatores decisivos na guerra moderna.

Não obstante a imensa importância dos exércitos e armadas, não bastam, hoje em dia, essas forças para dar a vitória final ou mesmo a parcial em batalhas isoladas.

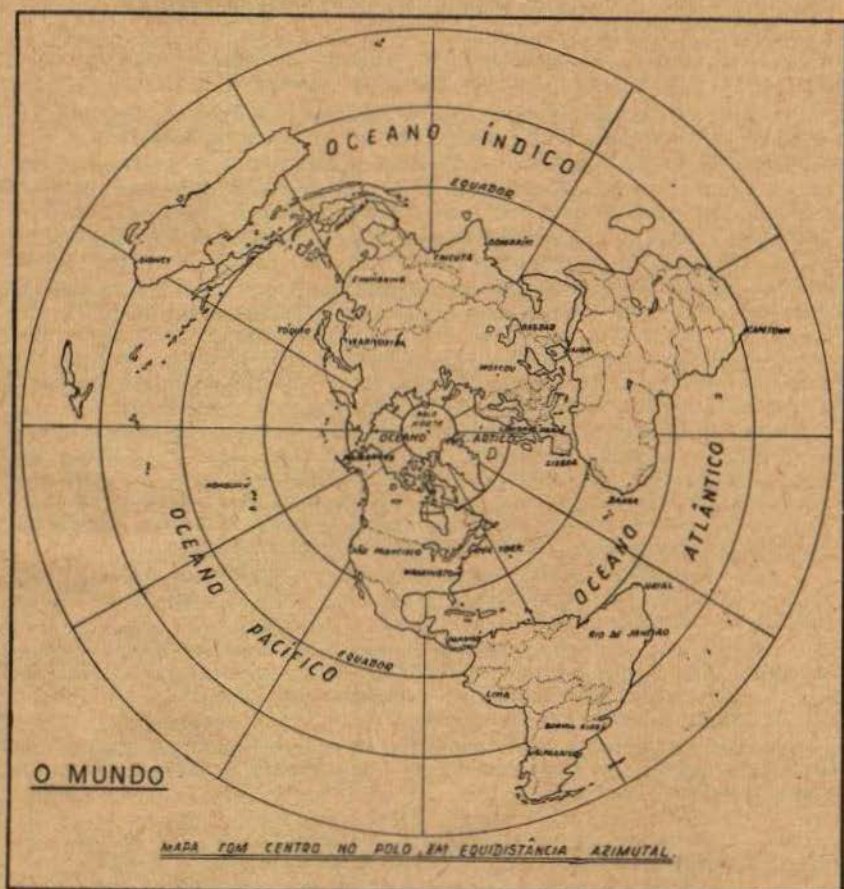
"A missão estratégica, outrora função exclusiva das forças navais, tornou-se hoje função primordial da força aérea pela surpresa, influiu direta e indiretamente em todos os aspectos da guerra". Assim diz o Air Marshall H.M.S. Sandby.

Dentro de curto prazo, o avião militar revolucionou as estratégias política e militar; o avião comercial, o movimento de homens e coisas sobre o globo terrestre.

"Afinal, — disse WINSTON CHURCHILL, em seu discurso na "Communs" (BLOOD, SWEAT AND TEARS) — a razão principal por que HITLER não realizou até o presente (e nunca o fez) a sua prometida invasão da Grã-Bretanha é, "of course", a sucessão de brilhantes vitórias ganhas pelo nosso poder aéreo sobre um muito maior e com números mais elevados que os do nosso. "That is a tremendous fact."

6.3. William Liscum Borden

William Borden é um autor que estuda com grande realismo a modificação que se processará no mundo pela evolução da ciência e da técnica. Ele faz reflexões sobre o crepúsculo das geopolíticas clássicas francesa e alemã, pelo advento não só do Poder Aéreo como também das bombas nucleares, e indica que já há necessidade de refundir-se a geopolítica clássica em uma geopolítica integralizada, onde todos os fatores participem.



19188-29 557 2832401272

32. 512. 1. M. 1. / 100-29-4-929.

Fig. 5

A "geopolítica integralizada" de nossos dias tem de ser examinada sob três aspectos da estratégia, dois dos quais introduzidos pelo Poder Aéreo, no Poder Nacional, das superpotências ;

a) a existência de bombas nucleares a serem lançadas por aviões e foguetes a velocidades supersônicas, causando destruição incomensurável ;

b) a penetração (accessibility) da Força Aérea das duas superpotências — e somente delas — a qualquer ponto do globo, não importa se sobre a terra, mar, desertos, geleiras ou zonas populosas ;

c) o progresso formidável em que prosseguem pesquisas nos campos técnico e científico, fazendo tornar imprevisível de que armas se disporá em 1968, para escolher futuro bem próximo.

Vejamos algumas sugestões sobre essas revisões na geopolítica de superfície :

1ª) Bases militares aéreas e marítimas — para aviões e navios de superfície e submarinos movidos a motores atômicos necessários em número muito inferior ao atual. Isso diminui o número de pontos fixos importantes e vulneráveis ao ataque.

2ª) As linhas de suprimento, aéreas, terrestres e marítimas, terão de multiplicar-se e avolumar-se devidamente protegidas. Examinem-se os dois mapas.

3ª) A ciência e a técnica adquiriram valor incomensurável.

Vannevar Bush, diz :

"Qual será a natureza de uma guerra do futuro, se ela acontecer? Ela será essencialmente científica e técnica, rápida e furiosa. Deixará o mundo mutilado e em perigo de aniquilação."

Esse processo de guerra, que atualmente domina o pensamento militar das superpotências, não pode parar nunca, seguindo uma linha logarítmica, e foi David Lilienthal que teve uma palavra de aviso contra o perigo de repouso na certeza, pois seu país pensava ter, em 1949, na bomba A, uma arma insuperável.

"Nem as bombas A nem outro qualquer engenho de destruição constitui a verdadeira fonte da força norte-americana... Se assim acreditamos, estaremos fugindo à realidade e pensando que os americanos estão a salvo no mundo porque possuem a bomba A, nada mais. Tenderemos a tornar-nos descuidados quando deveremos estar eternamente em estado de alerta". (Michigan State College 5-5-1949).

4ª) Os conceitos da "ilha do mundo", "coração do mundo" e "fringes" estão caindo em obsolescência. Veja-se a Rússia e suas imensas possibilidades.

Houvesse avançado o espírito de Gengis Khan, após a guerra de 1945, contra o Ocidente, e as Américas estariam, como o resto do mundo, em grave perigo.

Mas, nas desprezadas "fringes" surgiu o poderio capaz de anular qualquer veleidade de dominação do mundo.

A geopolítica de Haushofer e Mac Kinder atribuiu pequena importância aos EE.UU. e só em 1943 é que o "Fulcro" de Mac Kinder foi ao Mississipi.

Ora, o empecilho inicial à contensão do desejo russo de avançar imediatamente sobre seus aliados de ontem foi o lançamento das bombas A sobre Hiroshima e Nagasaki : jamais esteve nas previsões de Mac Kinder.

A parte do "fulcro" de Mac Kinder que vai aos EE.UU. é importante, mas deve ser estendido não pela sua demografia, porém, porque ali se fabricavam bombas A a urânio e plutônio, e, agora, bombas 3F.

Esse fator é mais importante, geopoliticamente, em 1958, que uma população euroasiática; o fulcro deve ir a São Francisco e a Los Angeles e não se deter no Mississipi.

5ª) A população, elemento muito importante da geopolítica, também necessita de revisão nessa "geopolítica integralizada". As massas de população não são mais um fator decisivo sobre quais povos dominarão os negócios do mundo. Com o avanço técnico e científico, há possibilidade de dominação dos mesmos por populações, apenas.

Outrossim, há tendência para a redução dos efetivos militares, enquanto há aumento de formação de cientistas e técnicos.

Por outro lado, a formação cultural da população cresceu abruptamente de valor; a massa tem valor relativo; quanto melhor o estado de preparação intelectual, de condição de sanidade, de alimentação e de higiene, maior o número de homens capazes de desfrutar dos benefícios da inteligência e da cultura, maior o número de cientistas e técnicos, maior o número de líderes, mais consciente o poyo de suas responsabilidades.

6ª) Em consequência, a própria geografia deve sofrer revisão. Poder-se-ia agora considerar um fulcro: Califórnia — Montes Urais — China — Japão, cortando a Cortina de Ferro (Fig. 5).

7ª) O velho e assentado princípio de equilíbrio do poder também deve ser reexaminado.

Em todos os países, procuram-se os *objetivos nacionais atuais*; estes determinam as pressões antagônicas e contra elas é prevista a luta.

Já não há mais lugar para o antiquado conceito de equilíbrio de poder imposto por uma nação a outras; há a sobrevivência com auto-determinação e, para consegui-la, as nações têm de empenhar-se ao máximo.

Estas são as rápidas considerações que desejávamos tecer em torno das Escolas Geopolíticas que tanta influência têm tido — e terão ainda — nas diretrizes governamentais de cada Estado-Nação.

*
* *
*

"Nunca será demais repetir, por certo — e principalmente ao abordar tema ainda tão aberto às discussões filosóficas e ao entreechocar de idéias e de paixões — que vivemos, nos dias que passam, uma hora dramática da Humanidade, com a transmutação radical e repentina de todos os valores e conceitos tradicionais."

Cel GOLBERY